

Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho

(vertidas em histórias ilustradas
contadas às pessoas pequenas
e grandes em tamanho
ou tempo de vida)

Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho

(vertidas em histórias ilustradas
contadas às pessoas pequenas
e grandes em tamanho
ou tempo de vida)

Por terras sonhadas (ou não)
do Alto Minho
ANNO MMXXIII

O projeto “+REDE” cujo objetivo geral passou pela coordenação, dinamização e acompanhamento transversal do Plano Intermunicipal Integrado de Combate ao Insucesso Escolar no Alto Minho, promovido pela CIM Alto Minho no período 2018-2023, inscreveu na programação do ano letivo 2022/2023 o desenvolvimento do livro Dicionário Ilustrado do Alto Minho.

Neste dicionário ilustrado, valorizou-se a proximidade e interação entre o escritor e os/as ilustradores/as com os/as alunos/as do 1^a Ciclo do Ensino Básico, cocriando e reinventado as lendas, ancoradas em palavras-chave da autoria dos/as alunos/as, associadas aos dez municípios que integram o território do Alto Minho.

Num processo colaborativo promotor e potenciador de pedagogias alternativas, surge este Dicionário Ilustrado do Alto Minho que reescreve e consolida a identidade territorial nos compromissos da Rede Educativa desta comunidade intermunicipal.

Importa dar continuidade a este tipo de iniciativas, entendendo estas performances pedagógicas enquanto ferramentas que nos permitem acreditar que o futuro dos jovens está no presente da ação, enquanto sujeitos de direitos e com propósitos muito alinhados com a sua malha de influência académica, familiar e comunitária.

“O saber ocupa lugar...”

Para terminar, deixo-vos esta frase de José Mariano Gago representando o significado do contributo deste dicionário que deverá ocupar o devido lugar nas comunidades escolares do Alto Minho!

Textos de Raul Pereira

e ilustrações de
Ana Biscaia,
Catarina Gomes,
Emílio Remelhe,
Eva Evita,
Helder Dias,
Luís Mendonça,
Mariana Rio,
Marta Madureira,
Rui Vitorino Santos
e **Sebastião Peixoto.**

Índice

p.04	Entrada
p.08	Arcos de Valdevez
p.12	Caminha
p.16	Melgaço
p.20	Monção
p.24	Paredes de Coura
p.28	Ponte da Barca
p.32	Ponte de Lima
p.36	Valença
p.40	Viana do Castelo
p.44	Vila Nova de Cerveira
p.48	Autores
p.52	Pequeno Dicionário Livre do Alto Minho

Entrada

Sempre que iniciamos um livro é como se entrássemos por ele adentro. Isto não é o caso dos dicionários, já que todas as palavras que nele aparecem se chamam, precisamente, «entradas». É um caso bocado de resolver: como é que podemos «entrar» num livro quando este tem milhares de «entradas»? Qual escolher? Não é fácil... O melhor é pensar num dicionário como um labirinto de palavras ou então como pequenas portas para a nossa língua, que, ao que me dizem desde que aprendi a falar, é a língua portuguesa. Os dicionários são, por isso, livros cheios de possibilidades quase infinitas, e este é especial por ser ilustrado, o que quer dizer que as palavras vivem nele como vizinhas da própria imaginação. Um pouco como nós, que somos vizinhos numa terra que se chama Alto Minho, e que, por vezes, parece imaginada.

Como estava a pensar nisto para ter que vos dizer, abri um dicionário, destes muito grandes e antigos que tenho aqui mesmo ao meu lado, e fui procurar a entrada «dicionário» no meu dicionário. Devolveu-me ele:

«Dicionário, s. m.
(do lat. *Dictionariu-*).
Livro em que se encontram, por ordem alfabética, ou por outra convencional, palavras de uma língua com a respetiva significação na mesma língua ou com a respetiva equivalência noutra.»

Fiquei na mesma! Não resolveu o meu problema... Nesta fase, eu já não sabia o que é que havia de fazer, porque me pediram para escrever um dicionário especial e a única coisa que eu faço é apanhar palavras pelos sítios por onde costumo andar. Além disso, os dicionários são, por norma, livros gigantescos!

Então lembrei-me que os dicionários não são todos iguais: uns são meras listas intermináveis de palavras e ninguém os vai ler de fio a pavio em seu perfeito juízo! Outros traduzem palavras para outras línguas; outros ainda explicam-nos símbolos e imagens; outros são específicos para determinadas profissões. Vocês sabem que há muitos dicionários à solta por aí e alguns até os trazemos no bolso, nos telemóveis, o que dá imenso jeito. O mais interessante neles, no entanto, é o seguinte: é que se nos pusermos a escolher palavras nesses livros ou aplicações quase sem fim e as juntarmos de feição a que nos agradem, elas podem servir para o que eu mais gosto de fazer na vida: contar histórias.

Com isto em mente, saí de casa e fui passear nas nossas terras alto-minhotas à procura das palavras certas; mas, como estas palavras, sozinhas, pareciam-me muito abandonadas num território tão antigo, verde, agudo e largo de vistas, vim acompanhado por pessoas que as fizessem viver no papel. Isto para que os meninos e as meninas que vocês são e as meninas e os meninos que hão de vir possam sentir que é possível olhar sempre os lugares onde vivemos mais para além do que aquilo que eles parecem, mesmo que achemos que esses sítios são dos mais belos que há no planeta Terra. E estes que consideramos nossos, encaixados que estão entre os rios Minho e Neiva, certamente que o são. Pelo menos para nós.

Por isso, vamos às «entradas» do nosso dicionário historiado e ilustrado, para vos começar a dizer que...

Arcos

Arcos de Valdevez / Arcobriga

00

Rui Vitorino Santos

Cheguei aos Arcos para fazer um caminho de palavras e fiquei a saber que o Padre Himalaya passava muito do seu tempo a olhar para as plantas. Eu fiquei muito surpreendido, pois pensei que o homem, alto como uma estátua, estivesse mais preocupado com o sol e a energia que ele nos dá. A verdade é que também não podemos olhar diretamente para o sol, porque, como sabem, isso faz muito mal aos nossos olhos.



Também é verdade que as folhas das plantas são como que pequenos painéis solares que aproveitam a energia da nossa estrela vizinha e convertem-na em alimento para elas e, na volta, libertam oxigénio para nós. Talvez fosse por isso que o Padre Himalaya se interessou tanto por elas: para lhes desvendar os seus segredos e delas retirar lições para as suas enormes máquinas solares.

A Ciência trata de observar a natureza com todo o cuidado, para desbloquear a sabedoria que esta nos está sempre a tentar esconder — desde as flores mais minúsculas, que podemos colher nas margens do Vez, às galáxias gigantes e às nebulosas que se espalham em todas as cores pelo Universo fora.

Entretanto, eu vim aos Arcos para vos contar uma história e já me estou a entusiasmar com outras coisas. Dizia eu que o Padre Himalaia (Himalaya na forma original) estava a observar as flores. Eu disse-vos há pouco que talvez fosse para estudá-las, mas agora já não estou certo, porque ele era um homem muito complicado nas suas ideias. É que, Himalaya, apesar de ser um grande cientista e engenheiro, também era capaz de acreditar nas coisas mais mirabolantes.

Para as pessoas que estudam plantas, é importante colocá-las entre folhas de papel absorvente, levá-las a uma prensa para as espalmar e, por fim, prendê-las com jeitinho e meter-lhes o nome científico por baixo, mantendo-se estas assim bem preservadas por muitos séculos. Chamam-se, a estes livros

fantásticos, «herbários». E era isso que Himalaya estava a fazer para as flores do Alto Minho que ele tão bem conhecia desde criança. Quer dizer, estava a fazer para esta história, não sabemos se ele o chegou a fazer de certeza, mas eu também tenho de colher algo aqui para vocês. Portanto, Himalaia ia colhendo e colocando as flores e as folhas entre as outras folhas: as de papel. Aquelas que ele reconhecia de imediato, ia marcando a lápis o seu nome; as outras, que precisavam de análise ao microscópio ou de comparação em livros ilustrados, ele colocava um ponto de interrogação. Estava neste serviço ao maravilhoso e ao conhecimento da sua terra quando apareceu, ao seu lado, um lavrador:

— Bote-me a sua bênção, Senhor Padre. — rogou o homem.

— Deus te abençoe, Luís. Bons olhos te vejam! — respondeu Himalaya, com um grande sorriso.

— Com sua licença, Senhor Padre, mas tem algo por aí que se trinque? É que hoje a minha Rosa expulsou-me de casa sem sequer um naquinho de broa seca! — pediu o homem. Não nos podemos esquecer que aqueles eram tempos muito difíceis para os lavradores, mas o Padre Himalaya soltou uma grande gargalhada e disse:

— Nada de substância para encher o bandulho, Luís, mas trouxe um cartucho com charutos da Vila!

9





Luís comeu com muito prazer um **charuto de ovos** e depois fez umas perguntas sobre plantas e flores ao Padre Himalaya. Surpreendentemente, Luís detinha uma série de conhecimentos que muito espantaram o sacerdote cientista, que começou a apontá-los num caderninho. As coisas que Luís sabia sobre as plantas, sobretudo sobre os seus poderes curativos, tinham-lhe sido ensinadas pelo seu avô, mas ele guardava-as a todas dentro da sua cabeça, pois não sabia ler nem escrever. No entanto, depois de muito falar sobre o que sabia, Luís pôs-se a olhar para o céu e para as copas das árvores. Himalaya brincou com ele:

— Ó homem, andas com a cabeça no ar?

— É que... sabe, Senhor Padre... Eu até tenho gosto pelas plantas, mas o que eu gosto mesmo é de pássaros! O que eu não dava para poder voar como eles!

O Padre Himalaya sorriu e arranjou a sua grande barba com os dedos longos. Ele já tinha visto os grandes balões de ar quente nas grandes cidades do estrangeiro, e tinha lido que já se começavam a fazer testes de aeronaves com algum sucesso — era bem certo: o homem moderno já conseguia voar! Por outro lado, no entanto, Himalaya também sabia que isso nunca seria possível a um pobre lavrador dos Arcos de Valdevez como o Luís, e assim não lhe disse nada, para não o entristecer. Ao invés, para o animar, perguntou-lhe:

— E qual é o teu pássaro preferido, Luís?

— Para pôr no prato? — perguntou-lhe logo Luís.

— Não, homem! Mas tu só pensas em comer?! Nós nem devemos comer animais, que nos faz mal! — irritou-se o Padre Himalaya, que, não sei se sabem, fazia por cumprir uma dieta vegetariana rigorosíssima.

— Bem, então o pássaro mais bonito aqui destas bandas, para mim, é o guarda-rios! Mas há um que procuro há anos e que nunca mais encontrei. Veja lá que até já rezei na Senhora da Peneda para que ela mo deixe ver outra vez!

— T tamanha raridade! Conta lá! — pediu Himalaya.

— Pois então... Felizmente, trazia o meu paizinho comigo quando o vimos lá em cima, à beira do Paço da Giela. Disse-me ele que se chamava **melro-d'água**, veja lá. Era castanho na cabeça...

— Branco no peito e castanho-escuro e muito escuro nas asas e costas! — completou o Padre Himalaya, repentinamente e entusiasmado. — Homessa! Quer dizer que o Senhor Padre também já o viu?! — espantou-se Luís.

— Vejo-o todos os dias, homem! Anda daí comigo. Andas à procura do bicho no sítio errado! Subiram ambos pelas margens do Vez até a

um pequeno açude onde, dançando sobre as rochas, alguns melros-d'água se atiravam em grandes mergulhos à cata das melhores presas no leite límpido do rio. Luís saltou de felicidade e abraçou Himalaya. Pelo peito, que o homem era mesmo muito alto!



Desde esse dia que Luís passou a acompanhar Himalaya nas suas incursões e busca de plantas pelos campos e montes, e, em troca, o grande cientista ensinou-o a ler, a escrever e a identificar a passarada do Vez como um especialista.

O Padre Himalaya também contou a Luís todas as histórias famosas do mundo que envolviam passarada. A sua favorita — e é fácil de perceber porquê — era quando lhe contava a do jovem e desobediente Ícaro, que foi um menino grego que caiu ao mar porque deixou derreter as asas que o pai lhe fez coladas com cera, pois decidiu voar muito próximo do sol.



Caminha

Cameneæ / Camina

Fui a Caminha para pescar palavras e encontrei uma **gamela** à deriva na foz. Eu achei aquilo estranho, mas não fiz caso. Quando cheguei a Moledo, para meu grande espanto, a gamela já lá tinha chegado e seguia toda lampeira junto à costa. Como isto é suposto ser uma espécie de dicionário, peço-vos que não confundam «lampeira» com «lampreia», já que são de Caminha.



Dizia eu: a pequena barca não parecia ter ninguém ao leme, pelo que a minha admiração foi ainda maior quando ela acostou à **Ínsua** com muita agilidade. É que passar as águas ali naquele sítio é só para quem sabe! Pelo menos foi o que os pescadores me disseram.

Eu tinha de ir ver aquilo de perto, por isso corri o mais que pude pela **praia**, mas a distância não me permitiu ver muito bem o que aconteceu a seguir. Só consigo dizer-vos que vi, com estes meus lindos olhos, o que parecia ser uma criatura muito estranha e pequena a sair da embarcação e a encaminhar-se para a muralha do **forte**. Depois, pôs-se a fazer uma espécie de ginástica para cima e para baixo, escalando a estrutura antiga com muita genica. Digo-vos uma coisa: eu pensei que estava a ver um extraterrestre marinho a fazer exercício num monumento!



Depois de muitas tentativas, o bicho, ou lá o que era, desistiu daquelas contorções e eu percebi que deixou cair a espécie de ombros e braços cinzentos e secos que tinha no corpo disforme. Parecia muito frustrado. Ou frustrada. Como já vos disse, eu não conseguia ver bem ao longe, mas a criatura meteu-se outra vez na gamela e dirigiu-se à foz. Eu fui a correr novamente para o carro e, com toda a sinceridade, ia contra a minha vontade, pois é difícil de encontrar uma ilhota com um poço de água doce em pleno mar salgado, um forte antigo e imponente, uma foz de um rio, uma **fronteira**, uma praia, uma água de oceano eterno e uma montanha que parece um vulcão pequeno tudo junto no mesmo sítio! Mas lá fui em perseguição daquele caso estranho, não só porque espero que aquela paisagem fique naquele estado muitos anos (para eu lá poder voltar e para todos nós a estimarmos pelo que ela é), mas porque a minha curiosidade assim me obrigou. E ainda bem que o fiz. Já vos conto.

13





Quando cheguei perto do Camarido, já aquele ente singular subia o rio a toda a brida — parecia que levava motor! Como eu agora já tinha a noção de que havia vida dentro daquele barco, consegui distinguir-lhe uma pequena cabeça careca e cinzenta com notas de amarelo a mexer-se. A tal cabecinha ia-se mexendo e olhando para ambas as margens com muita rapidez, como se procurasse qualquer coisa. Só havia um problema: a moleira daquele bicho pareceu-me de pedra!

Foi o meu fado, naquela tarde inteira, seguir aquela estranha forma de vida. Vi-a a subir e a descer freneticamente as torres dos palacetes de Seixas; via-a a escalar pelos ramos de uma grande araucária em Vila Praia de Âncora; vi-a a passar um bom bocado na Serra d'Arga com os escaladores na parede de granito de Penice; vi-a na capela românica de São Pedro de Varais e na de São João d'Arga; vi-a pendurada nos arcos da ponte de Vilar de Mouros; vi-a a saltitar nas pedras da Cividade; vi-a depois, já de novo na vila, a subir à Torre do Relógio e ao Chafariz do Terreiro. Sei lá, a pobre criatura trepou quase tudo o que era monumento do concelho! Eu, para não a assustar, observava-a sempre de longe, mas percebi que, a cada tentativa do que ela andava a fazer, descia sempre dos edifícios aos quais subia com uma profunda tristeza.

Descia também o sol já a caminho da noite para o lado do mar quando o bicho ascendeu à torre da Igreja Matriz e aconchegou-se num dos seus recantos. Só aí é que me apercebi que era uma gárgula que tinha andado à solta em Caminha e que só eu é que a tinha visto! Então pedi ao sacristão para subir à torre e foi quando a gárgula me explicou que o trabalho de uma gárgula, em Caminha, é o melhor trabalho do mundo: não se pode querer melhor vista do que aquela; mas a verdade é que ela já estava naquele sítio vai para mais de quinhentos anos, e já lhe começavam a doer as costas. Além disso, não se consegue ter grande sossego ao pé dos sinos! Em todo o caso, garantiu-me que, para já, havia de ficar por ali pelo menos outros quinhentos anos. Os sítios que tinha visitado nessa tarde eram todos maravilhosos, sem dúvida, mas ela não tinha muita pressa em mudar. E, mal acabou de me dizer isto, caiu a noite sobre a foz do rio Minho e a gárgula adormeceu. Eu fiquei na dúvida se as gárgulas adormecem todas quando cai a noite, já que me parece que o trabalho delas é guardar os sítios onde os canteiros as esculpiram e colocaram e não ficar a dormir. Eu sorri para mim mesmo e até pensei que iria inserir aqui uma piada, mas vocês são inteligentes para chegar lá e a mim falta-me o espaço.



Melgaço

Mellicaceus / Melgæcus

16

Gémeo Luís

Em Melgaço, fui beber palavras nas águas, mas elas correram para mim como os rápidos do rio contra os quais, há muito, muito tempo, uma grande família de lampreias teve de lutar e lutar. Elas tinham entrado pela foz do Minho em Caminha e, de tanto nadar contra a força das águas, chegaram às pesqueiras da vila tão musculadas e atléticas que assustaram uma alcaiteia de lobos que por ali tentava passar.





Era um encontro inesperado aquele, e os animais ficaram tão espantados que começaram a falar uns com os outros. Uma jovem loba explicou então às lampreias que já há muitas luas que os anciãos da alcateia tinham decidido procurar um novo território para viver, nas montanhas do lado de cá do rio; mas que a travessia era perigosa e havia entre eles muitos lobitos frágeis que tinham nascido há pouco tempo.

As lampreias reuniram-se então debaixo das águas escuras num grande rochedo e resolveram que não iriam subir mais o rio, porque já estavam muito cansadas e corriam o risco de ser apanhadas. Decidiram, por isso, ajudar os lobos a passar para os lados de Melgaço, mas a tarefa não era nada fácil. Analisaram então com os seus novos amigos a melhor maneira de proceder e decidiram que os lobos iriam buscar os maiores galhos de madeira que conseguissem carregar e as lampreias formariam depois uma corda longa com os seus corpos esguios, de maneira a criar um cordão de segurança para a alcateia passar até ao outro lado. A nós pode parecer-nos isto estranho, mas os animais conseguem ser muito engenhosos quando querem e quando colaboram uns com os outros. E depois, convenhamos, isto não seria uma grande história se eles não falassem.



Nessa altura, dizia eu, ainda havia fronteiras, que são umas linhas imaginárias que os povos criaram para tentar separar o inseparável. No tempo em que as pessoas levavam esta coisa parva das fronteiras muito a sério, chamava-se contrabando aos objetos e bens que se passavam sem autorização para as bandas da Galiza ou de lá para cá. Quando uma lampreia mais velha chamou a atenção disto mesmo, todas elas ficaram em pânico e com muito medo, pois acharam que podiam estar a cometer um grande crime ao fazer contrabando de lobos!

A alcateia estava a ficar desesperada para ir para as montanhas, pois os pássaros anunciavam já que a noite estava a terminar e os pescadores e os lavradores, não tardaria nada, começariam a sair das suas casas e podiam fazer-lhes mal. Os lobos imploraram então às lampreias que os passassem, pois não tinham mais para onde ir e só queriam viver longe dos homens e em paz, sem incomodar ninguém. As lampreias compadeceram-se daqueles lamentos e lá passaram os lobos para a outra banda,

unindo-se em sintonia e prendendo-se aos troncos com muita força. Tudo bem engendrado e mais seguro que uma batela! Mal elas sabiam era que, nestes tempos em que eu e vocês vivemos, precisaríamos nós tanto de mais contrabando de lobos e até de lampreias...

Esta história, infelizmente, está longe de ter um final feliz, pois as pessoas, volta e meia, continuam a maltratar os pobres dos lobos; mas disseram-me aqui há tempos, em Lamas de Mouro ou em Castro Laboreiro — já não me lembro! —, que todos os anos, pela lua cheia de fevereiro, os descendentes da alcateia bebem um copo de alvarinho em honra das lampreias que salvaram os seus antepassados, junto ao Penedo do Lagarto. Um dia, também vocês poderão bebê-lo, lá ou noutra sítio qualquer. Quem sabe até no estrangeiro, quando voarem para além de fronteiras longínquas e, com surpresa, o encontrarem à venda numa loja qualquer e isso vos faça lembrar a vossa terra. Sobre este assunto, no entanto, eu não vou dizer mais nada.



Monção

Mamea / Orosion /
Couto de Mazedo / Monzon



Disse-me ela que há muitos, muitos anos, estava um carvoeiro a queimar a lenha quando pousou no vale um dragão enorme e colorido em matizes esverdeados e com umas grandes escamas delineadas a vermelho e branco ondulando sobre o dorso.

O pobre do carvoeiro, claro, desatou logo a fugir, mas, como estava exposto no vale, sem sítio aonde se esconder, o dragão, apenas num passo, pôs-se logo à frente dele e fez-lhe sinal de que não lhe queria fazer nenhum mal. Aquela criatura gigantesca, na verdade, parecia bastante confusa. E então o carvoeiro perguntou-lhe:

— Caro Sr. Dragão, porventura veio aqui comer o meu burrico? Peço-lhe que não faça isso, pois que eu sou muito pobre e tenho filhinhos e filhinhas para alimentar e, sem burrico, não posso ir vender o carvão à vila.

O dragão, então, falou numa voz surpreendentemente melódica:

— Em primeiro lugar, eu não sou um senhor, sou uma senhora. Não percebo porque é que as pessoas assumem logo o género masculino perante um ser tão majestoso quanto eu.

— Pois então, peço imensas desculpas. — rogou o carvoeiro cheio de medo. — Mas se não é um senhor dragão, como é que lhe hei de chamar? «Dragona»? «Dragoa»? É que nem na nossa forma especial de falar cá de Rio de Mouro temos feminino para dragão!

— Ora, uma «dragona» é um símbolo militar usado nos ombros, geralmente em lã dourada e em franjas, que era muito usado antigamente pelos oficiais maiores da fortaleza de Monção. Tive muitos problemas com eles!



— E «dragão»? — perguntou o carvoeiro.
— Que palavra parva! — respondeu a Senhora Dragão (pelo menos é o que sabemos, para já, que ela se chama). — Essa palavra não existe em português! — concluiu, levantando as enormes asas ao ar.
— Estamos então perante um problema grave!
— disse-lhe o carvoeiro, muito pensativo. — Também ouvi aqui há tempos que, nas ilhas da Madeira, das Canárias e dos Açores, as pessoas encontraram uma árvore chamada «dragoeiro». Gostava de queimar uma para ver que qualidade de carvão faria com ela. — comentou o homem, agora mais à vontade.
— Não diga disparates, isso não tem nada a ver! Fique sabendo, então, que, em português correto, deve dizer-se «dragão-fêmea!» — informou o ser mágico.
— Ai, *nôn óh!* Que *palabra* tão tola! Olhe que, às *bezés*, o mais correto nem sempre é o mais certo e devemos revoltar-nos contra *coujas* destas! — irritou-se o carvoeiro, misturando o falar.

A criatura concordou, e então decidiram ambos inventar uma palavra nova para designar um dragão-fêmea. Começaram por pesquisar na história longa de vida dela, nas lutas do seu pai contra um homem que dizem santo chamado Jorge, há quase dois mil anos; contra cavaleiros de armaduras faiscantes para os lados da Terra da Lapela; contra as feiticeiras do Crasto; contra homens de bigodes finos e arrebitados sempre de lanças ou mosquetes na mão; contra os exércitos de Napoleão e até contra locomotivas de comboios!...

— Já vi que a sua vida foi sempre a fugir de tudo e de todos, minha senhora! — notou o carvoeiro.

— É bem verdade. Mas, por amor de deus, deixe de me chamar senhora! Que horror!

— Ora, desculpe-me novamente... — respondeu o carvoeiro. Mas depois teve um lampejo de génio: — Espere lá! Se vossa mercê e a sua família estiveram sempre a fugir, certamente que tinham de estar sempre muito atentos a tudo quanto mexia, não?



— Tem alguma razão, pode dizer-se que sim. É por isso que preferimos sempre as cavernas no alto das montanhas e pontos altos para vigiar. — explicou a dragão-fêmea.

— Estavam, por isso, e por assim dizer... sempre «à coca» de algo!

— Verdade! — o ser mitológico não estava a perceber nada.

— «Coca» será, portanto, o vosso nome para fêmea de dragão, a partir de hoje! — rematou o carvoeiro.

A fêmea dos dragões hesitou e ficou a olhar para o céu.

— Que me diz? — insistiu o carvoeiro, ansioso e à espera de resposta.

— Bem, é um nome que pode provocar algumas confusões e faz dos dragões uns medricas, coisa que nós não somos, como pôde avaliar pela nossa história grandiosa!

Ambos continuaram, por isso, a discutir alternativas pela tarde fora; mas, por muito que discutissem, não chegaram a nenhum nome melhor do que o que tinha sido avançado pelo carvoeiro. E então a dragão-fêmea, resignada, aceitou-o:

— Bem, parece-me que terei doravante de ser chamada por «Coca».

— Há nomes bem piores. — observou o carvoeiro. — Por exemplo, Deu-la-Deu foi uma grande heroína da vila e não tem por aí um nome assim tão bonito quanto isso. — retorquiu o carvoeiro.

A Coca — agora já a podemos chamar assim — sorriu com esta observação do pobre carvoeiro e concordou.

Entretanto, ao longe, os pastores chegavam com os seus rebanhos, e os seus cães, assustados com aquele espetáculo da enorme Coca no meio do vale, ladravam em grande terror. Os rebanhos serpenteavam nervosos pelos montes e davam a volta, fugindo de medo, os garranos corriam velozes e desapareciam nos vértices dos montes, e os lobos começaram a uivar ao longe. A noite aproximava-se e o único ponto de luz naquela terra imensa era a fogueira do carvoeiro quase a extinguir-se no enorme buraco onde fazia o carvão. O único animal que não teve medo da Coca foi o burrico do carvoeiro, que se aproximou, como que a chamá-lo para irem para casa, pois já eram horas.



A Coca e o carvoeiro sentiram o perigo a aproximar-se, algumas pessoas reuniam-se ao longe, junto às cardenhas, com tochas e lanças muito compridas em punho, e vinham já em grupos a descer o vale com ar ameaçador. Por isso, a dragão-fêmea levantou voo, não sem antes se virar para trás e agradecer ao carvoeiro o seu novo nome encontrado para as fêmeas dos dragões — uma luta de séculos da língua portuguesa!

A senhora de Rio de Mouro que me contou esta história ainda me disse que, enquanto o carvoeiro foi vivo, a Coca descia todos os meses ao vale para ajudá-lo a queimar a lenha; mas que, por vezes, exagerava um bocado no fogo e chamuscava o pobre do *home*, deixando-o mais ensarranhado do que ele já estava!



Cheguei a Coura para malhar palavras e encontrei um **biscoito de milho** que andava há muito tempo a tentar encontrar os seus antepassados. Eu sugeri-lhe logo que ele analisasse a sua composição genética. Como isso era muito complicado de fazer, decidimos ir ler no rótulo do saquinho donde ele tinha saído os ingredientes que lá estavam. O principal deles era, na sua forma natural, **milho**, como não podia deixar de ser. Eu expliquei ao Biscoito de Milho que esta planta veio das américas para o Alto Minho há quase quinhentos anos e ele ficou tão surpreendido com esta informação que se mostrou ainda mais entusiasmado em encontrar a história da sua família, sabendo agora que os seus antepassados haviam cruzado o oceano!

Eu sugeri-lhe, então, que ele fosse ao **Museu Regional** para perceber como é que se cultivava o milho em tempos antigos. E ele foi e encontrou lá uma espiga velha com barbas brancas que lhe disse que tinha conhecido, em tempos, uma das avós do Biscoito, num campo em Vascões. O Biscoito, coitado, nunca tinha saído de uma vida dentro de sacos e de saquinhos, por isso, quando saiu de Coura, virou na estrada no sentido contrário e foi parar a Formariz. Quando lá chegou, encontrou um campo muito extenso e muito bonito, mas onde nada crescia. Aliás, o que surpreendeu mais o Biscoito de Milho foi a beleza da paisagem que o rodeava nas estradas e caminhos que percorreu: ele eram campos verdes sem fim, pontilhados por pequenos espigueiros e casinhas; ele eram matas de árvores jovens e muito belas, encaixadas por cima de muros de pedra; ele eram ribeiros e montes vivos numa tapeçaria que parecia cobrir o horizonte; ou então montanhas altas onde passeavam vacas e cavalos selvagens que fugiam mal ele tentava falar com eles.

Estava o Biscoito a meditar nas belezas das terras de Coura quando apareceu, ao longe, no tal campo, um ponto cinzento que começou a crescer e a crescer até se transformar num cão muito esquelético. Mas qual não foi o horror do Biscoito de Milho quando percebeu que aquele bicho não tinha olhos! O animal aproximou-se do Biscoito e ficou a olhar para ele e a salivar muito, como se estivesse pronto para o comer. Quer dizer, a olhar, olhar, não, porque, como já vos disse, o pobre coitado não tinha olhos, mas todos nós sabemos que os cães têm um faro bem apurado e, claro, estou certo de que lhe cheirava a um biscoito delicioso!

— O Dialho te leve, bicho! Chega-te para trás, que comigo não fazes farinha! — gritou-lhe o Biscoito, bastante zangado.

— Bem, já vi que vou continuar esfaimado neste Campo da Fome. — respondeu-lhe o cão.





25





E o canídeo lá contou ao Biscoito o que é que se tinha passado num dia em que uns lavradores e umas lavradeiras, que tinham ido ali cavar a terra, puseram por cima dumas toalhas de linho tanta broa de milho e centeio, tantas chouriças e tantos rojões e nem um pedacinho de qualquer coisinha lhe atiraram!

— Mas que tinhas feito tu, mordeste em alguém? — perguntou o Biscoito.

— Não, eu só apareci e pedi. — respondeu o cão. — Mas também te digo: roguei-lhes uma praga. Foi assim que me caíram os olhos, troquei-os pela praga. E agora, olha, vês como aqui não cresce nada? Quer dizer, é o que me dizem. Tu vês?

— Eu ver, vejo, mas isso de pragas não é comigo. Acho que foi uma troca tola a que fizeste: eu gosto muito mais das coisas que consigo ver com os meus olhos. — disse o Biscoito ao pobre do cão, a meu ver (e passo a expressão) até um pouco cruelmente. — Por exemplo, o meu perfil genético, que estou agora a tentar traçar. Sei que sou composto de mi...

O cão interrompeu-o:

— Eu nem sei o que isso quer dizer, amigo. Eu sou mais ligado às tradições e ao antigamente. Mas desejo-te boa sorte nesse teu trabalho.

Ainda ficaram os dois a falar bastante mais tempo, mas a conversa, como estão a ver, não estava a ser assim muito interessante, por isso vou dispensá-la por aqui. O que nos interessa, e é até bastante curioso, considerando, como estão certamente lembrados e lembradas, de que o cão da nossa história não tinha olhos, é que ele mesmo conduziu o Biscoito de Milho em caminhos opostos até Vascões e mostrou-lhe os campos onde tinham nascido os seus antepassados.

O sítio chamava-se Chã de Lamas e, em tempos muito difíceis, que a maioria das pessoas quer hoje esquecer, tinha sido edificada, completamente do nada, uma aldeia nova para as pessoas irem viver e cultivar a terra, sobretudo para fazer crescer batatas, centeio, milho e, claro, os animais. Ainda há pessoas vivas em Coura de uma certa idade que se lembram dessa altura.

O Biscoito de Milho estava verdadeiramente fascinado com o que estava a ver e ia descrevendo ao Cão da Fome as casas todas desenhadas da mesma maneira e bem alinhadas, as ruas em curva, os pequenos quintais à frente, as pessoas mais idosas trabalhando ainda incansavelmente, e um novo e belo edifício cheio de rampas montado sobre colunas de betão no meio de árvores quase semelhantes, onde ambos aprenderam sobre a importância de preservar

tudo o que estavam a experienciar somente pelo simples ato de passear por terras de Coura. Até que o cão, vinham eles a inspirar o ar fresco e a descer de volta à Vila, se lembrou de uma coisa e perguntou, de forma muito repentina, ao Biscoito:

— Ouve lá: agora que sabes donde veio a parte do milho da tua família, como é que irás ao encontro da tua parte de açúcar? Certamente sabes que esse nem sequer se cultiva cá em Portugal Continental, não sabes?

O Biscoito de Milho ficou atordoado e de boca aberta com aquela pergunta. Nunca tinha pensado nisso! De facto, ele não poderia nunca atravessar rios e mares para ir ao encontro das canas-de-açúcar na Madeira, no Egito, no Brasil, ou lá aonde fosse, pois ficaria mole ou morreria diluído de imediato! E foi então que ele desistiu de procurar as suas raízes e decidiu permanecer em Coura. Como assim, dificilmente ele encontraria um sítio melhor no mundo onde pudesse ser apreciado. Tal qual como alguns grandes escritores, que por estas terras encontraram palavras muito belas ou complicadas e decidiram cá morar! O seu objetivo, pensou nesse momento o Biscoito, era acabar a vida junto ao Tabuão, em agosto, dentro da boca de alguém muito jovem que viesse assistir ao grande festival. Se possível, durante um bom concerto.

O Cão da Fome abanou o rabo de contente, encostou-lhe a cabeça de mansinho a uma curva do corpo, lambeu-o levemente e desapareceu, pois que, não sei se vocês sabem, o açúcar faz mesmo muito mal à saúde dos cães.



Barca

Ponte da Barca / Terra da Nóbrega

28

Marta Madureira

Cheguei à Barca para lavar palavras e fui subindo a caminho do Lindoso. O tempo, no entanto, tem sempre a mania de mexer muito com a cabeça dos escritores e, não sei ainda qual a razão, ele arrastou-me até a um tempo em que ainda não havia barragens, e tudo o que se avistava quando se chegava ao alto do Lindoso era um rio imenso e nervoso a correr por entre as grandes montanhas.





Era por alturas do inverno, o frio apertava muito e, naquela época, ainda não era habitual o uso de luvas nem destes casacos todos sintéticos e quentinhos que agora vestimos. Automóveis e motas, nem vê-los, e as estradas eram em pedra ou terra batida, por isso havia que subir as serras a pé. No bolso, eu levava uns nacos de bolo de mel para me aquecer o espírito e dar-me força para a longa caminhada. Mas, digo-vos uma coisa — e a Senhora da Pegadinha não me deixa mentir: que paisagem extraordinária que eu via! Tão magnífica era que ela própria parecia trespassar-me e dar-me alento ao corpo para continuar a minha árdua jornada. Eram rios e ribeiros saltitantes e barulhentos; árvores altas e frondosas cheias de passarada; casinhas ao longe encaixadas pelas encostas libertando fios de fumo cinzento que se confundiam na neblina leitosa; era o gado em liberdade como pequenas esculturas paradas na superfície da erva verde; era a geada branquinha que cobria tudo nas manhãs... E eu sem tenda, que essas modernices só vieram muito depois. Trazia comigo uma manta de lã cardada em que me enrolava debaixo de um qualquer penedo e fazia uma fogueirinha à minha frente, que pouco me aquecia, mas que sempre dava para afastar a bicharada. Nada mais. Tinha comigo também, para me aquecer a mente, um livrinho muito pequeno com poemas do Diogo Bernardes, que já estava a ficar um bocado queimado nas pontas, pois que eu, por vezes, aproximava-me demasiado do lume para ter um bocado mais de luz.

Quando cheguei ao Lindoso, era ainda de noite e não havia ninguém pelos caminhos da aldeia. Lá em cima, o castelo parecia um fantasma e os espigueiros que o rodeavam os seus servos. Confesso que me

meteu um pouco de medo. Alguns cães ladraram à minha passagem, mas sem grande entusiasmo, se calhar por causa do frio, e as galinhas mexeram-se nos galinheiros e cacarejaram; mas essas, como vocês sabem, estão quase sempre cheias de medo. E, como vocês bem sabem, têm boas razões para isso!

Eu decidi passear pelos caminhos sem acordar ninguém, porque aqueles eram tempos perigosos e, ao mínimo distúrbio, toda a aldeia se levantaria para ver quem eu era. Mas o frio era tanto que eu não podia ficar parado. E foi então que vi um vulto por entre os espigueiros a fugir para cima, para os lados do castelo. Parecia caso sério e eu decidi persegui-lo, pois tive a certeza de que não tinha dado por mim. Pousei as coisas que faziam mais barulho debaixo dum dos espigueiros e aproximei-me o mais silenciosamente possível daquela sombra esguia. A alguma distância, percebi que era um homem alto, bem vestido, de fato e gravata, e com um chapéu de coco no alto da cabeça. Assim à primeira vista, naqueles tempos antigos, era a última pessoa com necessidade de fugir. Afinal, via-se que vivia bem!

No entanto, à medida que a lua foi descobrindo a terra, as sombras passaram a ser mais claras e o sol já se adivinhava detrás das montanhas, iniciando um novo dia. Os galos da aldeia começaram todos a cantar e o homem deu um pulo com o susto. Foi aí que eu reparei que a cabeça dele era de madeira e o corpo parecia mole, como se fosse de palha!

Já sem medo daquele corpo frágil, aproximei-me sem ele se aperceber e lancei-lhe a pergunta de repente:

— Então vossemecê tem assim tantas razões para andar espantado pela aldeia?



O homem deu novamente um valente salto e um grito muito alto que pôs os pombos das redondezas todos a voar.

— Eu não ando espantado, porque não sou nenhum espantalho! — respondeu-me ele indignado e um pouco rispidamente.

— Peço perdão, não foi isso que quis dizer. O que me parece é que o senhor não tem razões para andar assim tão fugidio. Afinal, veste-se bem e deve ter algum dinheiro. Das duas, uma: ou tem medo de ser assaltado por gatunos ou cometeu um crime. Não creio que nenhum desses casos seja possível aqui por entre esta boa gente do Lindoso. — comentei.

— Homessa! Não é nada disso, cavalheiro! — asseverou o homem, agora mais calmo e cortês. — É que eu não quero ser queimado amanhã, e, para lhe dizer a verdade, dizem que me querem ler o testamento e eu ainda nem sequer o escrevi!

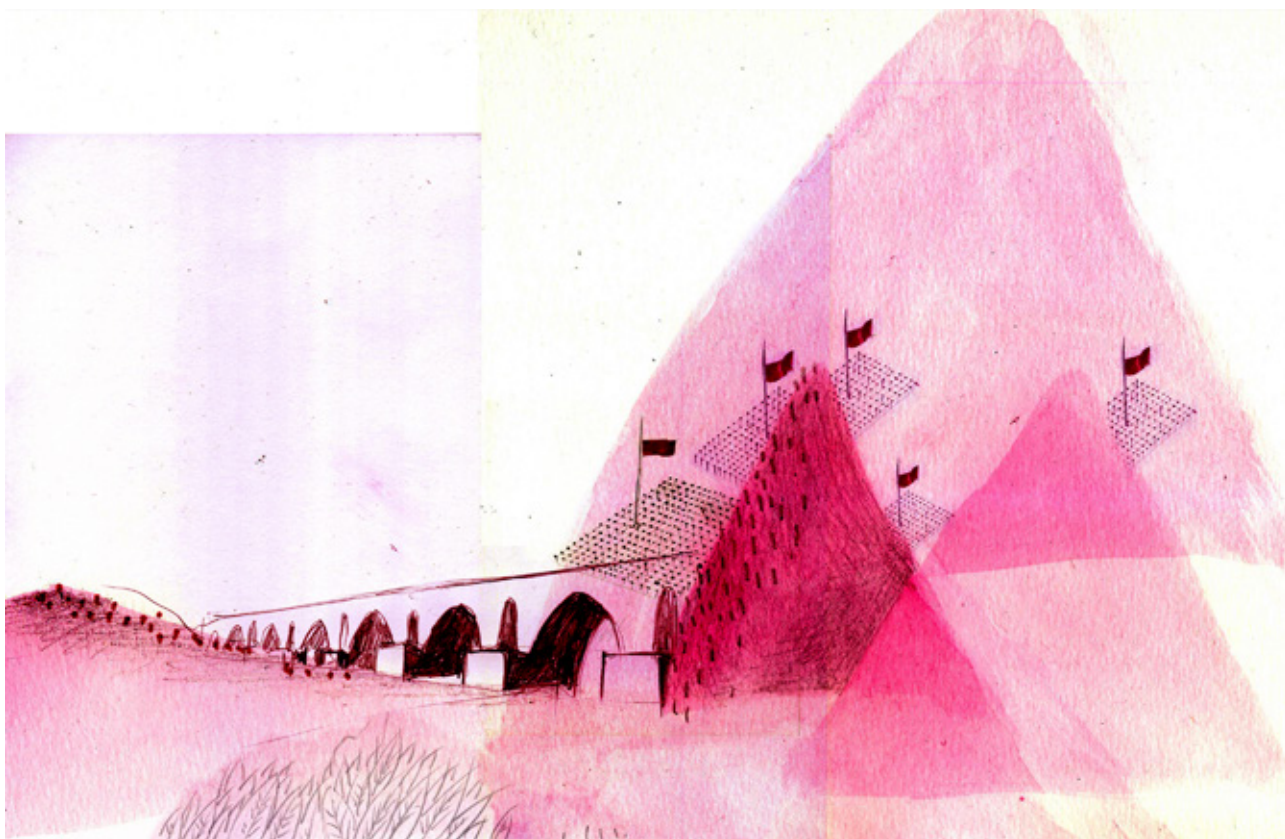
E foi então que eu me lembrei que tinha chegado ao Lindoso em pleno Entrudo e que estava a falar com o **Pai Velho**! Em último caso, pensei para comigo, nada eu poderia fazer, pois seria a tradição perdida nos séculos a ditar-lhe o destino.

Quando o sol despontou, encontrei o Pai Velho já pronto na carroça para o desfile, rodeado de pessoas. Nada mais me disse, nem se mexeu, mas eu sabia que ele estava ali de qualquer maneira.





Atrevi-me a atravessar a **ponte**, mas as palavras atravessaram-me antes a mim e então falaram-me elas do príncipe islâmico Abaqir que veio com o seu grande exército e não conseguiu atravessar a ponte romana, pois o **rio**, nesse dia, tinha-se desviado do leito e vinha cheio.



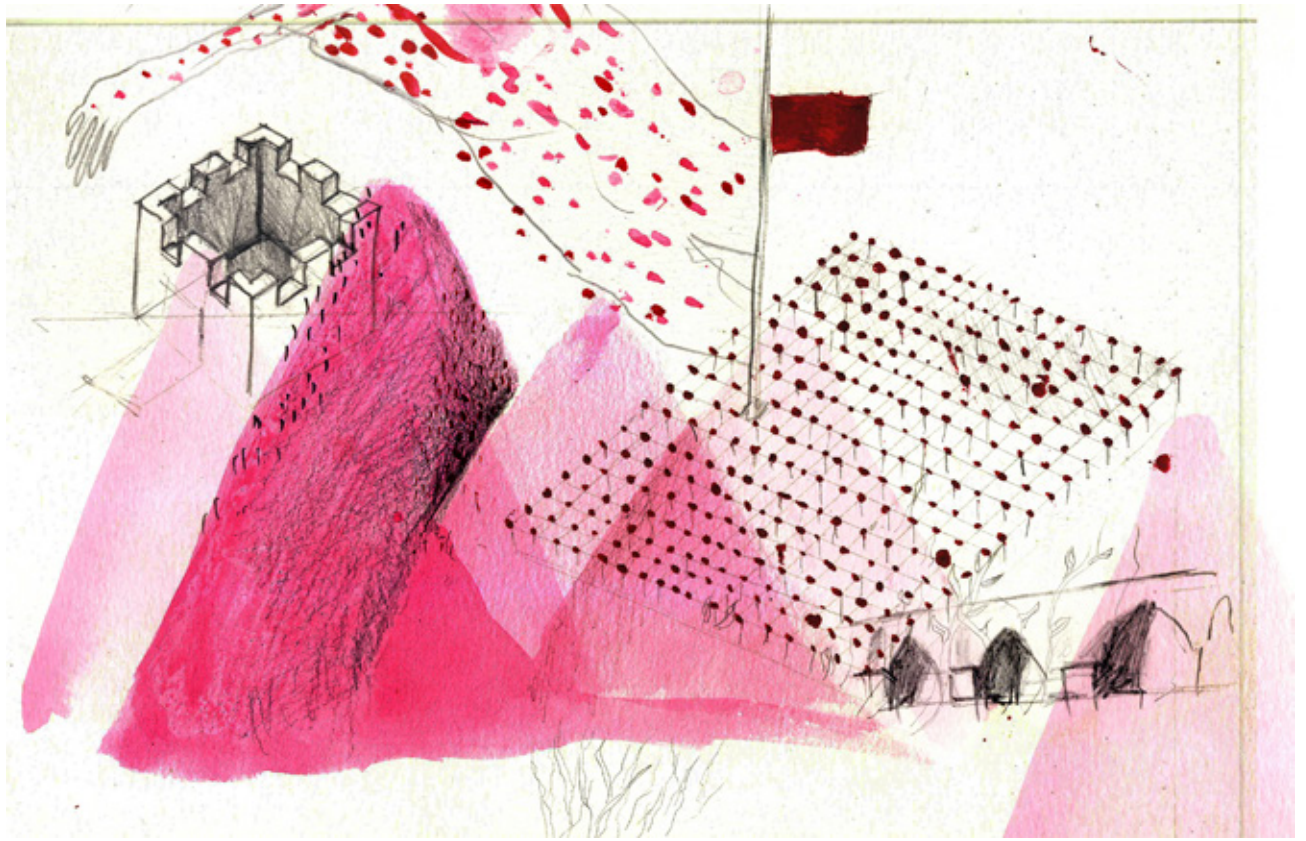
Abaqir não era um príncipe comum como os chefes cristãos que habitavam estas terras — era um homem muito culto: sabia ler, escrever, fazer contas complexas e até escrevia poesia. Portanto, quando chegou ao pé do Limia (era assim que os cristãos da altura chamavam ao rio), ele lembrou-se das histórias dos romanos que tiveram medo de atravessá-lo porque pensavam que se esqueceriam de tudo o que deixaram para trás. Era natural que assim fosse, pois que, para as pessoas desse tempo, nada mais havia para além do grande oceano **Atlântico**. Para elas, estas nossas terras eram o fim do mundo conhecido.

E era assim que Abaqir, apesar da sua sabedoria, também pensava, porque o conhecimento que vamos adquirindo, por vezes, leva séculos a atingir. Pensando ter chegado, então, quase ao fim do mundo, e tendo conquistado inúmeras terras com o seu forte e disciplinado exército, o príncipe decidiu construir um grande castelo no alto dum monte próximo da ponte antiga dos romanos:

— Agora que cheguei ao fim do mundo, que me importa voltar para trás? Ficarei aqui mesmo. — disse Abaqir para ele mesmo, enquanto voltava o seu rico cavalo para observar a bela obra de pedra romana que já não chegava para tanta água que o Limia levava.

Abaqir escolheu um sítio a que hoje conhecemos pelo Monte da Nó e dedicou todo o seu tempo a erigir o mais rico castelo que podia ser construído com as riquezas incomensuráveis que tinha recolhido nas inúmeras batalhas que tinha ganhado. Por essa altura, o império do islão estendia-se desde o Médio Oriente, lá longe entre o que é hoje o Iraque e a Síria, até à ponte de granito sobre o Limia, e Abaqir tinha, por isso, acesso a todo o tipo de tesouros que o dinheiro podia comprar.

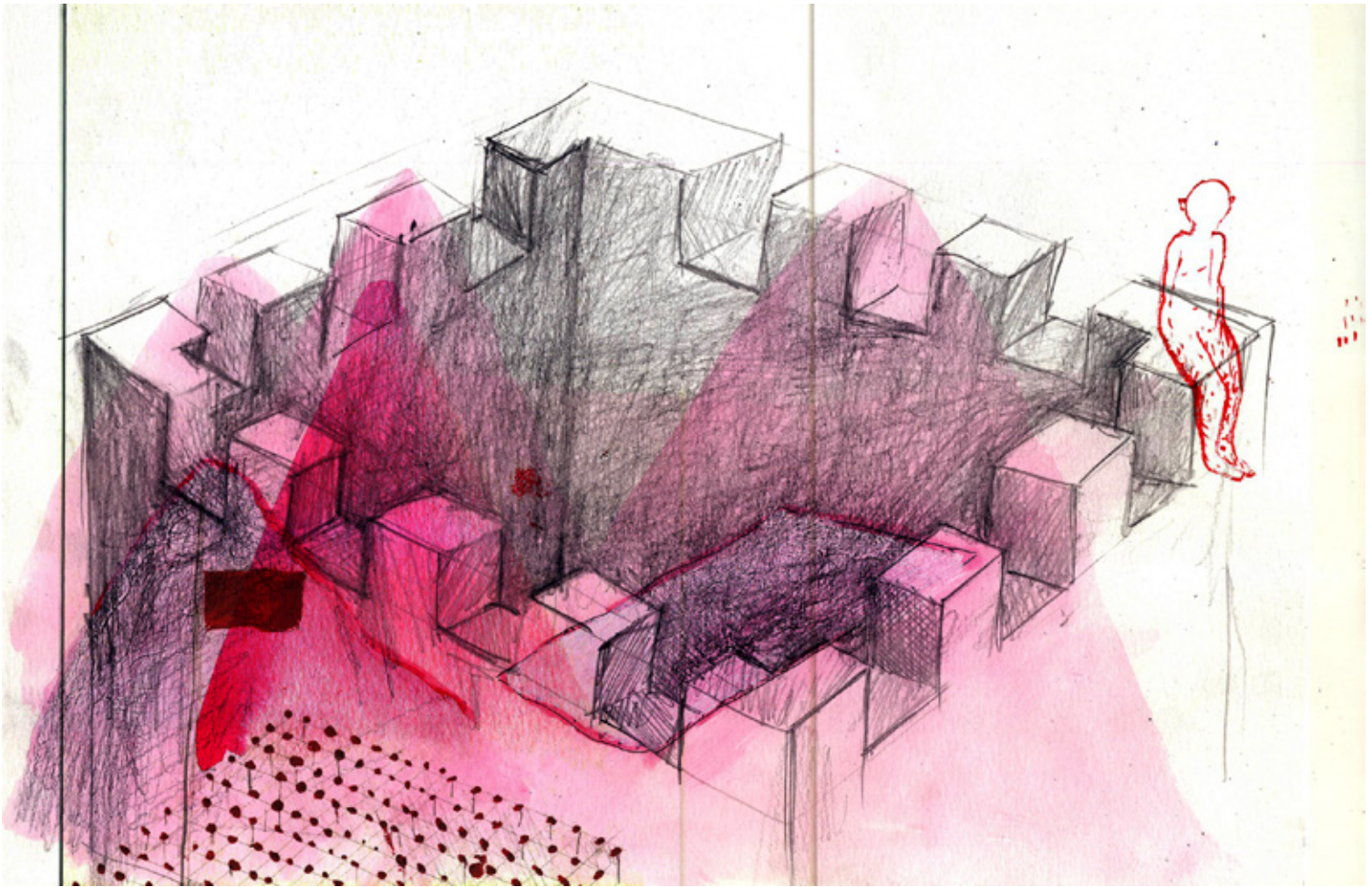
O príncipe encheu o seu castelo com tapetes da Pérsia, louças decorativas da mais fina cerâmica, objetos de prata e ouro, banheiras de mármore rosa, perfumes do Egito e incensos da Índia, móveis ricos das mais nobres madeiras. À mesa, todos os comensais tinham à sua disposição as frutas mais exóticas e as carnes e os peixes mais raros, tudo em enormes quantidades. E ainda que o vinho fosse proibido pela sua religião, Abaqir mandava vir as mais refinadas infusões, sumos e gelo cortado das montanhas longínquas para refrescar os convidados e convidadas nos dias de verão. O castelo tinha também uns jardins gigantescos que imitavam o Paraíso descrito no livro sagrado do islão, que, não sei se vocês já sabem, chama-se «Corão», e Abaqir gostava muito de passear e, por vezes até, perder-se neles.



No entanto, havia dias em que Abaqir dava por ele bastante sozinho e triste. Abaqir não deixava de pensar que toda aquela gente que o rodeava e o bajulava não o fazia senão por causa das suas imensas riquezas, de que todos e todas desfrutavam — no fundo, nesses dias, ele tinha dúvidas se toda a gente gostava dele por ser quem era, ou se gostavam dele apenas para tirar partido dos tesouros quase inesgotáveis que acumulara.

33





Como esta dúvida o corroía por dentro, um dia Abaqir decidiu ir caçar com um pequeno grupo de amigos e servos. Ninguém desconfiou de nada, já que o jovem príncipe gostava muito de caçar e, naquela altura, os montes que hoje aqui vemos eram cobertos de grandes florestas de carvalhos. Nelas, os javalis tiravam partido das bolotas e, por sua vez, os ursos tiravam partido dos muitos javalis. Sim, havia ursos por estes lados nessa altura. Talvez um dia regressem, com a nossa ajuda... Abaqir decidiu então fingir que se perdera e desapareceu do grupo que o acompanhava. Nunca mais ninguém o viu! Por dias e dias as pessoas do castelo procuraram o seu príncipe, mas, ao fim de muito tempo, desistiram.

O que ninguém sabia era que, poucos dias antes da caçada em que fingiu o seu próprio desaparecimento, Abaqir tinha conhecido uma pastora de nome Zuleima, e, como sabem, os dois apaixonaram-se. O que vocês não sabem, nem as pessoas do magnífico castelo sabiam, era que Zuleima concordara em ajudar o seu amado a testar as suas amizades. Por isso, escondeu-o na sua casa enquanto toda a gente o procurava e deu-lhe as roupas de seu pai para que ele fosse ao castelo disfarçado de pastor e ninguém o reconhecesse. Com as tesouras de tosquia das ovelhas até lhe cortou as longas barbas, vejam lá bem!

E foi assim, a coberto das roupas de pastor pobre e muito bem barbeado que Abaqir entrou, passados uns dias, no seu próprio castelo, e, perguntando aos que passavam o que achavam do seu príncipe, percebeu que já um outro ocupara o seu lugar e que praticamente todos os habitantes e amigos haviam esquecido que ele existia. Abaqir confirmou nesse dia que era, de facto, um homem muito solitário. Mas quando saiu do castelo, levava consigo duas certezas que o animavam: que só pelo amor a Zuleima procuraria agora recuperar as suas riquezas e alegrias, e que, por tudo o mais que lhe faltasse, teria sempre a sua vista sobre o rio Limia e a famosa ponte de pedra dos antigos romanos. Isso, nunca ninguém lhe tiraria!

Abaqir regressou então para junto da sua amada Zuleima e o resto dessa história vocês já sabem. Não conheciam era a história que vos acabei de contar, nem saberão nunca onde esconderam ambos os seus vastos tesouros. Quer dizer, peço perdão, pois disto eu não posso ter bem a certeza, espero até estar enganado. Desejo-vos, por isso, muita sorte nas vossas caminhadas futuras pelo eterno Monte da Nó, mas saibam que eu também vou andar por lá à procura de vez em quando...



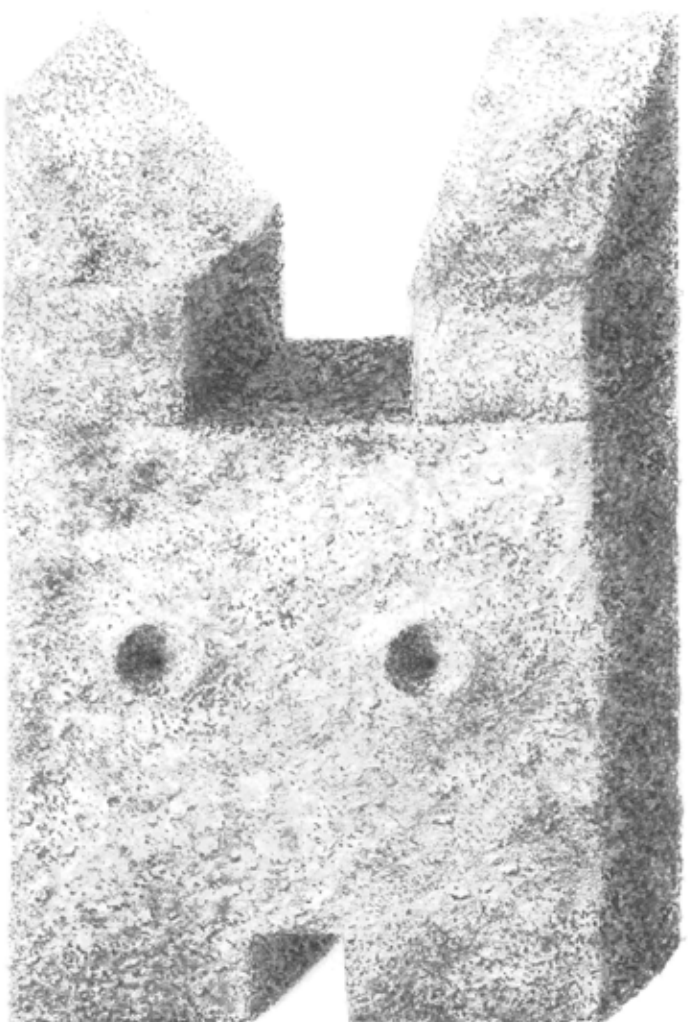
Valença

Valença do Minho / Contrastista

36

Emílio Remelhe

Em Valença, apontei certo às palavras certas e vi o engenheiro-militar Manuel Pinto de Vilalobos, passando da ponte do fosso à **Coroadá**. Ao seu lado, caminhava, como se marchasse numa parada, a sua gata Atena. Vilalobos ia satisfeito: a praça-forte estava finalmente fechada e completa em seus muros e baluartes, tal como ele a imaginara. Era bela como uma coroa e perigosa como um dragão.



Encaminharam-se ambos para o Campo de Marte. Atena ia parando de quando em vez, lambendo o seu belo pelo tricolor cheio de amarelos, negros e de um branco tão brilhante quanto a cal do Paiol. Pararam numa canchaleira larga por entre dois merlões gigantes e ficaram ambos a olhar para o rio. Vilalobos disse para Atena:

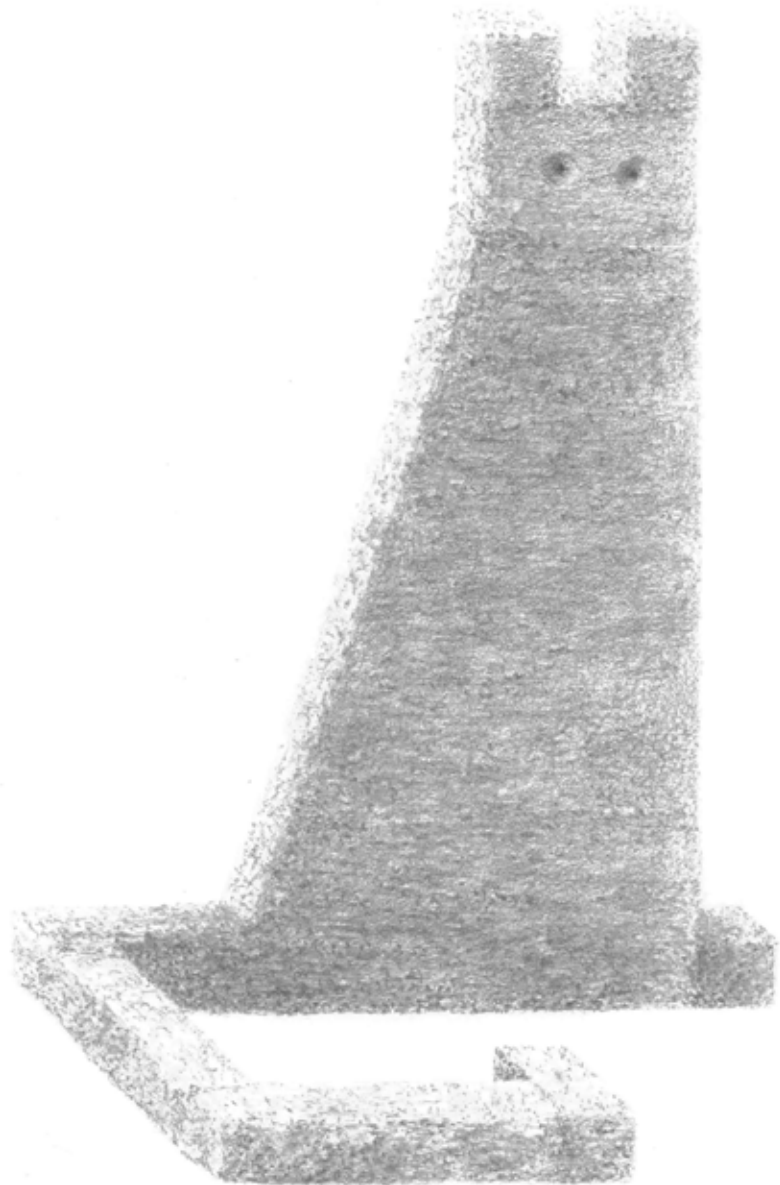
— Sabes qual é a palavra que me vem à cabeça, minha pequena?

Atena respondeu no falar dos gatos, num longo miado. Tinha fome. Vilalobos completou o seu pensamento:

— «Poder», a palavra «p-o-d-e-r».

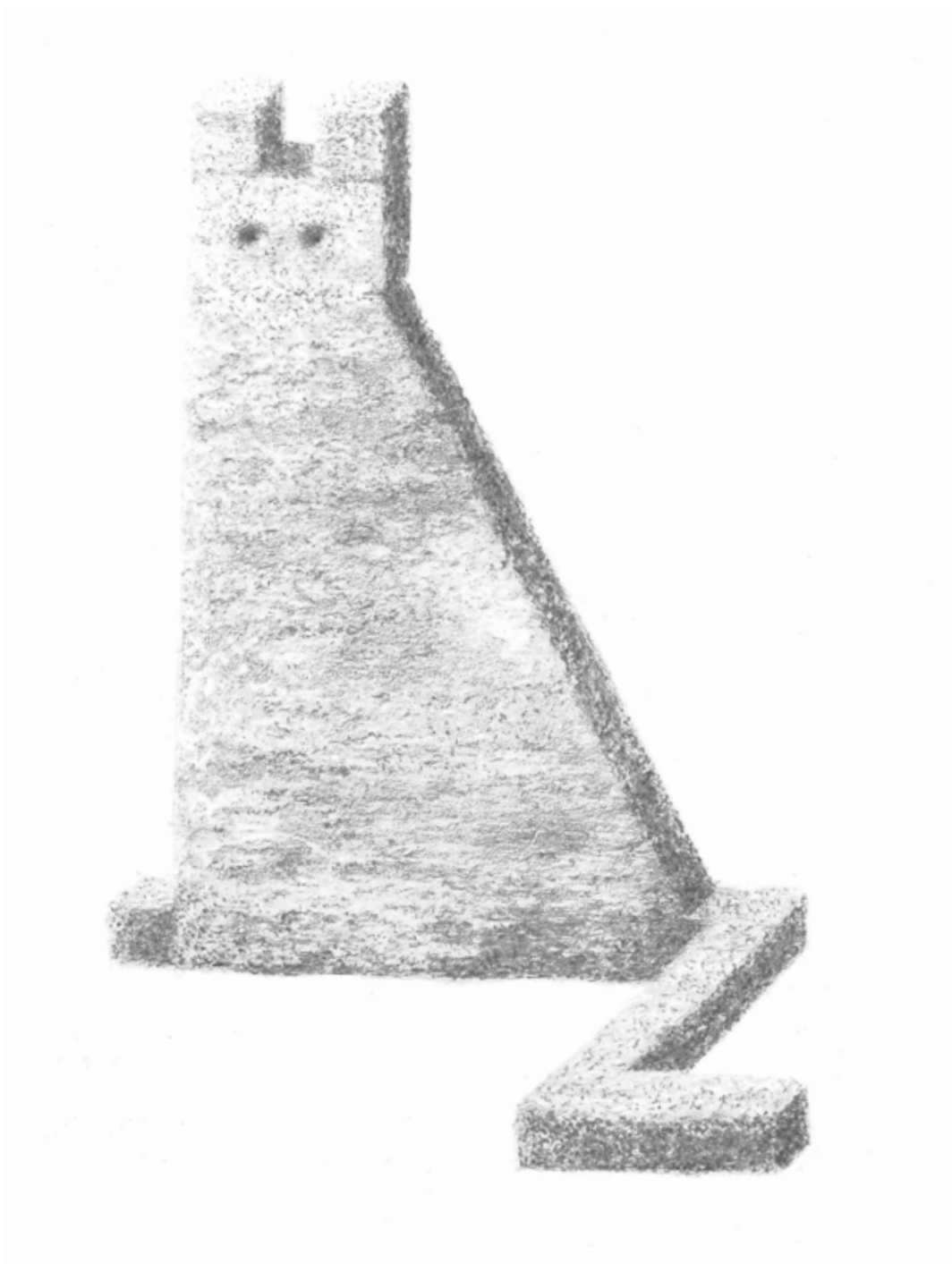
Mas o tenente-general de artilharia, voltando-se para o lado da Fonte da Vila, ficou mudo e triste, não só porque a palavra «poder» era muito difícil e tinha inúmeros significados, mas porque, tendo ele

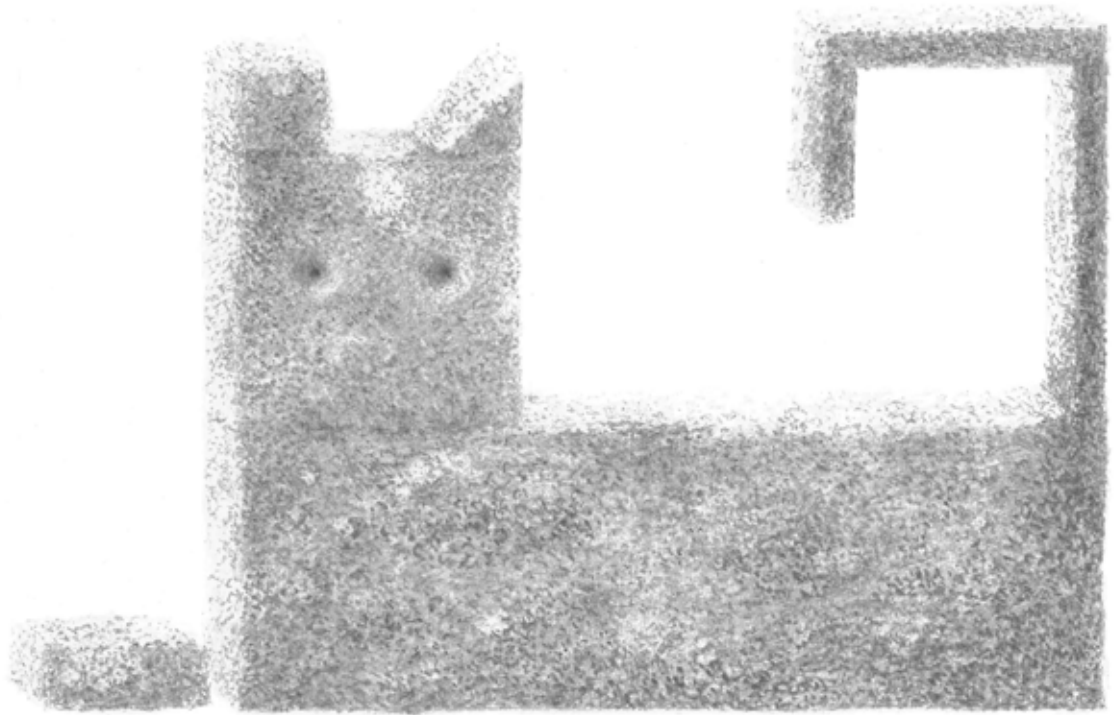
nascido muito pobre, trabalhava que se desalmava e ninguém lhe dava o valor que achava ter: ele tinha erguido belas e grandes casas para os ricos nobres do Minho; tinha erigido igrejas magníficas, capelas e desenhado retábulos fulgurantes de ouro; tinha também desenhado e planeado fortalezas para reis; tinha ensinado milhares de alunos e, mesmo assim, de nada isso lhe valia! Atena miou ainda mais alto e acordou o seu companheiro daqueles pensamentos tristes. Ela queria dizer-lhe que o esforço e trabalho dele, apesar de dedicado às guerras e batalhas, coisas feias da humanidade, era mais do que isso: era um trabalho inverso, sobre a beleza do que vemos com os nossos olhos e das formas perfeitas que existem na Natureza ou que nos chegaram pela História; mas, como vocês sabem, as gatas e os gatos ainda não conseguem falar connosco...



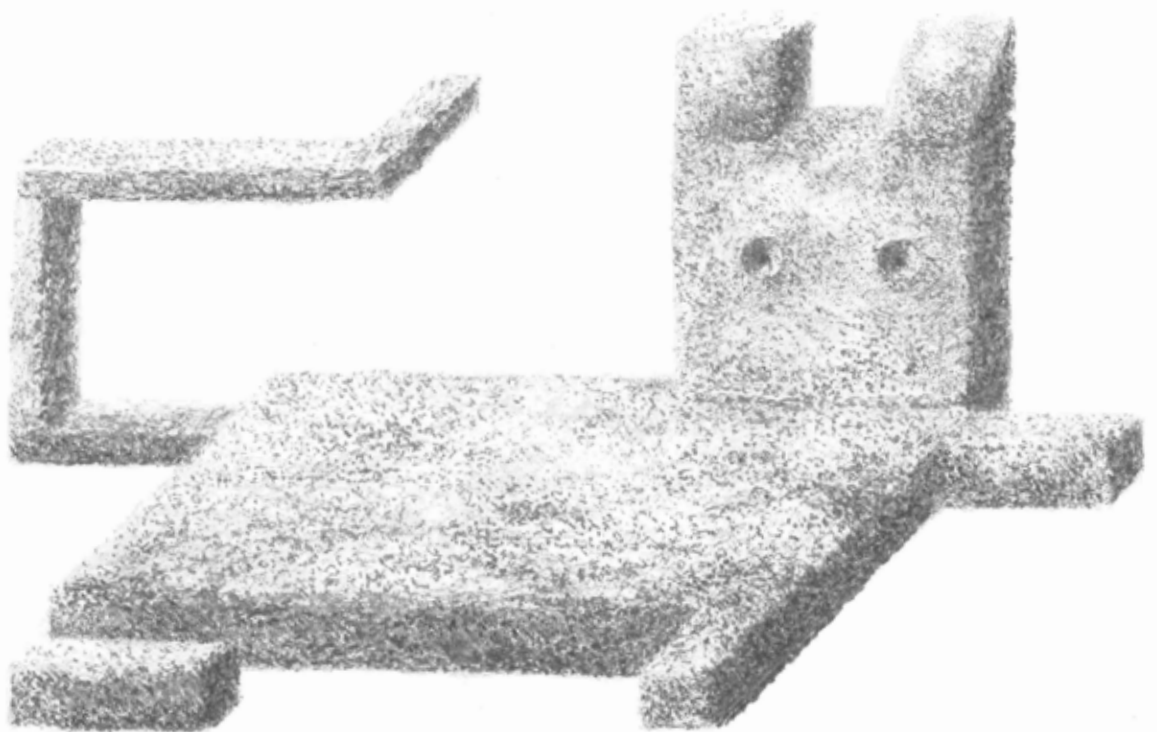
— Bem, vamos embora, «piquena». —, disse o militar à bichana, afagando-lhe o cachão e o pescoço com carinho. — Talvez um dia eu chegue a coronel... — concluiu num desabafo.

Atena correu à sua frente a grande velocidade e abandonou o dono, que lhe parecia agora desconsolado, e ela, nesse momento, não queria lidar com a tristeza, queria antes regressar rapidamente aos seus muitos amigos e amigas que a esperavam no largo defronte à pequena e antiga [Igreja Matriz](#). É lá que os gatos de Valença discutem, há mais de quatrocentos anos, cálculos de logaritmos, de equações e de pendências de peças de artilharia, onde, volta e meia, se penduravam para ver a passarada a voar para os lados de Tui. Ou então, quem sabe, quando estão para lá, pachorrentos e pachorrentas a dormir ao sol, calcular os melhores ângulos nas patas traseiras para derrubar mais facilmente as toalhas de mesa onde as pessoas pousam as chouriças e a broa.





39



Viana

Viana do Castelo /
Viana da Foz do Lima / Atrium

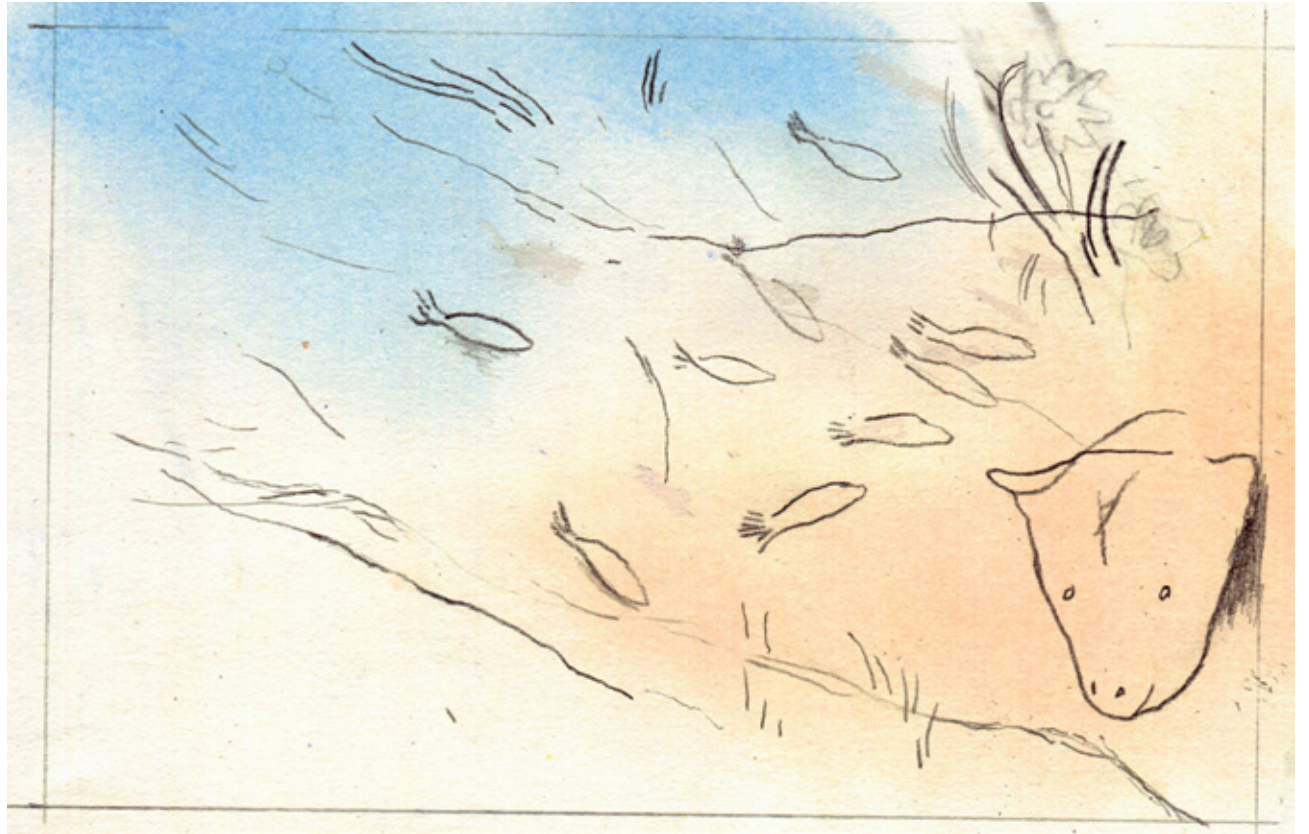
40

Ana Biscaia

Em Viana do Castelo, vesti-me a rigor para ouvir cantar palavras na Avenida e no Campo d'Agonia, e o que eu ouvi foi o que o meu avô me contou há muitos anos, antes de partir. Disse-me ele que, num dia de muita tempestade, descarregaram os pescadores e as mulheres da Ribeira tanta sardinha pequena na doca que os lavradores de Perre e Outeiro vieram com carroças de bois buscá-la para a deitar nos campos e fertilizar as suas terras!



Por essa altura, saíam também do porto de mar de Viana os primeiros barcos de pesca ao bacalhau construídos nos novos estaleiros da cidade, e o hospital flutuante *Gil Eannes* ainda não tinha sido construído. As famílias iam despedir-se dos pescadores na barra, acenando uns aos outros e chorando. Assim estava Ana um dia junto de sua mãe, numa dessas despedidas, dizendo adeus ao pai que seguia embarcado para as águas geladas da Terra Nova, do outro lado do oceano Atlântico, num país enorme chamado Canadá. Ana era uma menina mais ou menos da vossa idade e ficou a ver o *lugre* onde o pai seguia desaparecer no horizonte e a mãe a correr para a Senhora d'Agonia em lágrimas, rezando pelo seu rápido regresso. Esta é a história que ela me contou anteontem.



41

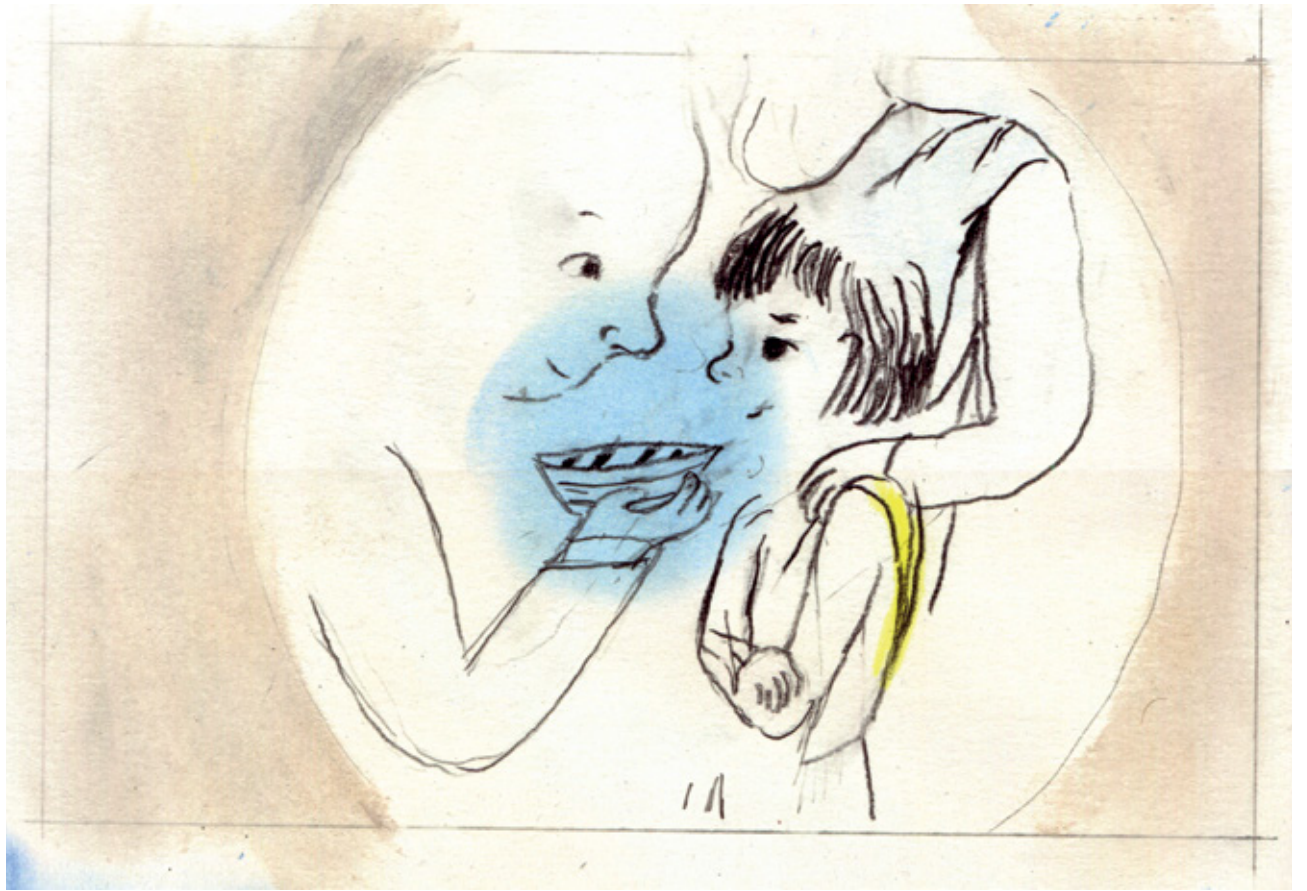


Depois do navio de pesca deixar de se ver na linha do mar, Ana ficou tão triste que se pôs a limpar os olhos húmidos ao seu xaile colorido. Regressou à barra nos dias seguintes, já com muitas saudades do pai. Foi aí, ao quinto dia, que deu de caras com um peixinho muito brilhante cor de prata a olhar para ela com uns olhinhos muito tristes. O peixinho revolveia lentamente as águas para logo se sacudir, afastando-se da margem, como que pedindo que Ana o seguisse. A menina percebeu que aquele peixe minúsculo era afinal uma sardinha pequena que, por sorte, tinha caído das redes que foram parar às carroças dos lavradores! O estranho é que Ana, inexplicavelmente, sentiu uma grande vontade de a seguir e colocou os pés ao de leve na água. A sardinha deu voltas de contentamento e mergulhou. Ana só queria correr o mar ao encontro do pai. E foi enquanto pensava nisto que escorregou no lodo das pedras e... pumba! Rio Lima com a pobre Ana!

A menina ficou muito aflita e começou a esbracejar, pois não sabia nadar — é que, naquela altura, embora já houvesse aulas de natação na doca, não era ainda habitual os mais novos irem aprender. Quando Ana atingiu o fundo do rio, reparou em inúmeras coisas inacreditáveis: notou que não sentia frio nenhum; que o leito do rio estava todo iluminado; que os peixes, polvos e outros moluscos pareciam acenar-lhe e estavam contentes com a sua presença ali; e que, como por milagre, o xaile que trazia às costas tinha-se transformado num escafandro em volta da sua cabeça, permitindo-lhe respirar debaixo da água!

A sardinha esperava-a mais à frente e conduziu Ana durante dias até ao limite que podia, pois as sardinhas só conseguem nadar bem junto à costa. Depois, entregou Ana ao cuidado de um pequeno cação, que a levou pelo fundo do mar até à Terra Nova. Ana contou-me depois que ficou bastante desapontada, já que os seres marinhos todos a ajudaram e foram muito simpáticos com ela, mas que nenhum teve força suficiente para a levar até à superfície das águas, pois os golfinhos, as baleias e os tubarões andavam longe. Ainda por cima, os bacalhaus, com a sua barbicha de faraó, olharam para ela um pouco desconfiados... Por isso, Ana só conseguiu ver, por cima da sua cabeça, a sombra da enorme quilha do lugre onde o seu pai trabalhava arduamente e sempre em perigos vários.

A Ana hoje chama-se Ti'Ana e é uma senhora com quase noventa anos que vive ao pé da praia imensa do Cabedelo. Eu não sei se o que ela me contou é verdade: algumas pessoas de idade avançada criam mundos fantásticos só delas, tal como eu e vocês fazemos de vez em quando. No entanto, nem que seja só por estas histórias, pelas memórias que carregam dentro delas e por tudo o que ajudaram a criar para nós, devemos-lhes toda a consideração do mundo — a vida delas é uma dádiva. E, nos dias em que os nossos avós e as nossas avós, inevitavelmente, partirem para sempre como os meus quatro já fizeram, podemos sempre imaginá-los e imaginá-las a seguirem para um caminho infinito na companhia da sardinhinha de Ana, entrando no eterno e maravilhoso fundo de um mar desconhecido à procura de alguma coisa. Ou então a atravessar a candura final do nosso Rio do Esquecimento.



43



Cerveira

Vila Nova de Cerveira /
Terras de Cerveira

Em Cerveira, subi ao monte e as palavras encontrei-as a flutuar numa das mais belas paisagens que conheço. E quando elas se começaram a diluir no ar, eu vi claramente o rei D. Dinis a chegar com a rainha D. Isabel e mais umas damas e uns cavaleiros.



Na altura em que o rei decidiu fundar Cerveira, ele já estava velho e cansado. Mas se, nesses tempos muito antigos, havia uma coisa que um rei nunca podia fazer era dar parte de fraco. Por isso, Dinis decidiu subir ao monte onde lhe diziam que havia muitos cervos. Eu não sei se vocês sabem disto, mas o rei D. Dinis gostava muito de caçar: era uma coisa que os reis faziam muito para se mostrarem fortes.

Estava então o séquito real com o rei D. Dinis e a rainha D. Isabel lá no alto, a desfrutar das belas vistas sobre o rio, quando algo de muito estranho aconteceu: o ar mudou e as brisas pararam e, aos poucos, todos os sons dos animais se foram calando, e as árvores pareciam paradas ao ponto de nem as folhas murmurarem. O ambiente começou a ficar sombrio, apesar da beleza da terra que o olhar do rei e da rainha conseguiam abarcar. Os cavalos ficaram nervosos e mexeram-se devagarinho, e os cavaleiros olhavam de um lado para o outro sem perceberem muito bem o que se estava a passar. Foi então que pousou uma pega muito grande num penedo e falou para todos, muito atrevida:

— Pois então ouvi dizer que há entre vós um que se diz rei.

— Assim é. O meu nome é Dinis, sou rei de Portugal e do Algarve.

— Pois aqui nestas terras só conhecemos um rei e estas terras são dele. Não tens direito a pisar este chão sem lhe pedires autorização primeiro. — continuou a pega, com grande sobrançeria.

— A mim parece-me que esse rei é um impostor, já que a fronteira de Portugal, que eu saiba, acaba lá em baixo naquele rio, por isso estas terras são minhas e não há mais ninguém que as possa governar. — respondeu D. Dinis, já um bocado irritado. Mas depois o rei sorriu, pois lembrou-se que estava a falar... com um pássaro!, e aquela situação divertiu-o. Então virou-se para a pega com ar brincalhão e pediu-lhe, fazendo-lhe uma vénia com toda a deferência: — Grande mordoma desse rei que desconheço, faça-me mercê de me conduzir à presença de tão grã figura.





E a pega assim o fez, levando o rei sozinho por um carreiro e proibindo os outros de o seguirem. Após algum andar, Dinis chegou a uma clareira e a pega disse bem alto:

— Ajoelha-te, Dinis, perante o verdadeiro rei destas terras.

E D. Dinis não teve mais que fazê-lo, pois que diante dele estava um ser fantástico, enorme, duas vezes o tamanho do seu próprio cavalo. O seu corpo era metade homem da cabeça à cintura e cervo em tudo o resto. A parte homem vestia vestes de seda e luxo, e a sua coroa de ouro tinha mais pedras preciosas que a de Dinis! Parecia um ser mágico daqueles que ele, por vezes, via nos seus livros de iluminuras. A criatura, então, perguntou-lhe com uma voz profunda:

— És tu mais um desses que vêm cá acima para me desafiar? Pareces já muito velho. Tens a certeza que me queres combater?

— Não venho aqui para guerrear, vim porque me disseram que havia mais reis para além de mim, e eu pensei que Portugal só tinha um. — respondeu-lhe Dinis.

— Portugal, Portugal... — o ser fantástico ficou pensativo. — Mais um povo novo, depois de tantos que por aqui já passaram... Fica sabendo que nenhum deles me derrubou. — e fez um gesto brusco. Depois continuou: — Derrotei galaicos, romanos, suevos, visigodos, islâmicos e agora derrotar-vos-ei a vós também. Este é o meu reino e fui eu quem o levantou!

Mas a criatura cedeu para a frente, agarrando o peito, e D. Dinis reparou que os olhos dele também estavam velhos e cansados; e que, na verdade, aquele rei encontrava-se completamente sozinho e sem súbditos para além da pega. Então perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— **Cervo-Rei** é o meu nome.

D. Dinis encostou-se a uma árvore, cruzou as pernas como tinha aprendido a fazer com uma amadora em pequeno e disse ao Cervo-Rei:

— Eu parece-me que sei o que é que tu queres acima de tudo.

O Cervo-Rei veio para o pé de Dinis com uma expressão muito triste e estendeu-se ao comprido ao lado dele. Depois respirou fundo e disse baixinho:

— Eu só quero é ser lembrado.

— Isso é o que queremos todos quando chega o fim. — disse-lhe D. Dinis.

— Farei por ti, Dinis de Portugal, por entre os animais e a terra que semeaste, para que nunca te esqueçam. — prometeu o Cervo-Rei.

— E eu chamarei a esta terra de Cerveira e nunca mais os filhos dela te esquecerão.

E, acabando Dinis de dizer isto, levantou-se aquela neblina que passa por vezes lá por cima do Crasto e o Cervo-Rei entrou nela em glória, como que levitando sobre a própria paisagem, e Dinis deixou de o ver. Quando a rainha e os cavaleiros o encontraram, Dinis encontrava-se a dormir profundamente encostado ao tronco da mesma árvore.

A mim parece-me que inventei uma nova **lenda**, mas eu não quero essa responsabilidade para mim e passo-a agora para vocês. A única parte que não vou inventar é algo que talvez não saibam, mesmo sendo de Cerveira: é que D. Dinis tinha um belos cabelos e barbas ruivos que a todos e a todas espantava. Isso sim, é bem verdade. Isso e ter sido um grande poeta: não admira que tivesse fundado uma vila dedicada às artes.



Autores

Raul Pereira chegou à Terra no Primeiro de Dezembro de 1981, dando-se por natural da aldeia de Vila Franca (Viana do Castelo). É autor de vários artigos e publicações nas áreas da história da arte portuguesa, da etnografia e do património imaterial. Trabalhou também em inúmeras instituições públicas e privadas como educador pela arte. Colabora regularmente com o fotógrafo Paulo Alegria, sendo de destacar o texto etnopoético de *Romeiros* (C.M.V.C., 2010) e o livro *Terra Água Vento* (CIM Alto Minho, 2020). Em 2021, publicou, pela editora Snob, o romance *De Genere*. Escreve ainda poesia derrotista e niilista sob pseudónimo e foi um dos membros da cooperativa e editora Pé de Mosca.

Ana Biscaia nasceu em 1978. Designer gráfica e ilustradora. Estudou ilustração (Master of Fine Arts) em Estocolmo, na Konstfack University College of Arts, Crafts and Design. O seu primeiro livro ilustrado, *Negrume* (publicado pela &etc., com texto de Amadeu Baptista), data de 2006. Ilustrou *Poesia de Luís de Camões para Todos* (seleção e organização de José António Gomes), antologia que mereceu, em 2009, uma distinção do júri do Prémio Nacional de Ilustração. Recebeu o Prémio Nacional de Ilustração, em 2012, pelo livro *A Cadeira que Queria Ser Sofá*, de Clovis Levi.

O seu trabalho para *O Carnaval dos Animais*, de Rui Caeiro, foi também selecionado pelo júri do prémio TITAN Illustration in Design. Com João Pedro Méseder, editou, em 2014, o livro *Que Luz Estarias a Ler? e*, em 2015, *Poemas do Conta-Gotas* e em 2017 *Clube Mediterrâneo - doze fotografias e uma devoção*, livro que, em 2019, foi galardoado na 12.ª edição do «Image of the Book», Concurso Internacional de Ilustração e Design de Livros. Feira Internacional do Livro de Moscovo, categoria design de livro/livro de autor. Em 2022, o livro *O retrato (aquilo que não se vê)*, recebeu o BRAW Bologna Ragazzi Award - The most amazing bookshelf. Fundou a Xerefé, pequena editora de livros ilustrados.

Catarina Gomes nasceu no Porto em 1983. É licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2008) e Mestre em Ilustração e Animação pelo Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (2013). O seu interesse pela ilustração surgiu em Bratislava, influenciada pelas exposições que viu, os livros que comprou e o tempo livre que teve para experimentar novas técnicas. Desde 2013, cria ilustrações para livros infanto-juvenis e outros projetos gráficos, escreve alguns dos livros que ilustra, participa em exposições de ilustração, lecciona no IPCA e é designer de comunicação. O seu trabalho tem sido reconhecido por entidades como o CINANIMA, a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha e a 3x3 Magazine.

Eva Evita é tão apaixonada por casas como por livros ilustrados! Até hoje nenhuma ilustração ou texto se queixaram dos seus acolhedores compartimentos e de pé direitos apertados! Eva não evita as potencialidades expressivas da ilustração, procurando cativar o interesse de todos por novas narrativas visuais e pela poética do sentimento! Mestrada em Ilustração e Animação pelo IPCA, para além de levar taças vitoriosas para casa, cheias de alegria destacam-se o prémio 13 Catálogo IBEROAMÉRICA ILUSTRA, Feira Internacional do Livro de Guadalajara /Fundación SM, México 2022; o prémio Revelação BIG - Bienal de Ilustração de Guimarães 2021, Portugal; Aveiro Jovem Criador 2021; o prémio Novos Talentos FNAC 2020; do Prémio Internacional de Ilustração em Porcelana Vista Alegre; Coca de Monção e Jovem Ilustrador Câmara de Amarante BIIISA. Ilustra regularmente para materiais gráficos diversos, livros infantis e espetáculos. Colaborou em projetos de ilustração para o CCB Fábrica das Artes, RTP, Bagos D'Ouro, CIM, Vista Alegre, Ed. Xerefé, Maria Zimbro, Primavera Sound Festival entre outros. Tem vindo a participar em exposições coletivas tanto nacionais como internacionais, realizando periodicamente diversas atividades e projetos pedagógicos em diversas instituições culturais (Fórum da Maia, Bibliotecas) mas também enquanto docente, cultiva o saber na área do desenho, história, imagem sequencial, álbum ilustrado e escrita criativa. É ainda autora do projeto intitulado "Com Textos" - poesias áudio-ilustradas.

Emílio Remelhe (Barcelos, 1965) é Professor Adjunto na ESAD – Escola Superior de Arte e Design de Matosinhos e Professor Auxiliar Convocado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Leciona Ilustração, Desenho e Escrita Criativa. Leciona Narrativas Verbais e Discurso Criativo no mestrado em Ilustração da FBAUP. Possui licenciatura em Artes Plásticas – Pintura, mestrado em Prática e Teoria do Desenho e doutoramento em Educação Artística. É investigador da ESAD-IDEA e Colaborador no i2ADS – FBAUP. É membro fundador da ELOS – Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil. A sua atividade inclui artes plásticas, cenografia, desenho, ilustração e literatura, usando diversos pseudónimos (entre os quais, Eugénio Roda). Tem ilustração publicada em editoras como Livros do Oriente, Gémeo R, Campo das Letras, Ver Pra Ler, Deriva, Civilização, Caminho, Arranha Céus, Stolen Books, Eterogémeas e em publicações periódicas como a Revista Macau, Diário de Notícias, Chão de Brinco, Macau Daily News, Revista Malasartes, Revista Plages. Está representado em coleções públicas e particulares dentro e fora do país. Realiza oficinas para diversos públicos, no domínio do desenho, da ilustração e da escrita criativa.

Gémeo Luís é pseudónimo de Luís Mendonça. Ilustrador destacado e premiado nacional e internacionalmente, tem ilustrado autores consagrados e novos autores. Tem trabalho publicado em diversas editoras, jornais e revistas de referência. Desenvolve ilustração na diversidade de meios, materiais, escalas e contextos. Colabora regularmente com instituições culturais, bibliotecas, escolas, museus, na realização de palestras e workshops. Está representado em coleções públicas e privadas, dentro e fora do país.

Luís Mendonça nasceu em Maputo em 1965. É designer, professor e investigador na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. É membro do ID+ Instituto de Investigação em Design Media e Cultura e da ELOS-Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de Santiago de Compostela. Com atividade multifacetada e premiada, desenvolve trabalho multidisciplinar nos domínios do Design de Comunicação, Design de Produto, Design Social, Empreendedorismo, Ilustração, Cenografia, Arquitetura, Museografia ou Escultura. Da curadoria à edição, da escultura pública ao produto industrial, das oficinas tradicionais à tecnologia contemporânea, desenvolve projetos marcados pela transversalidade.

Helder Dias nasceu na cidade do Porto no ano de 1973. Concluiu em 1997 a licenciatura em Artes Plásticas – Pintura, na Faculdade de Belas Artes da mesma cidade. Em 2002, obteve o grau de mestre em Artes Digitais – Multimédia, pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

Desde 1999 que concilia a docência com a sua actividade como artista visual. Começou por leccionar na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e, atualmente, é docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde coordena a licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas.

As suas áreas de interesse são o desenho e as artes digitais, nomeadamente, a investigação sobre interfaces e processos de composição.

Desde 2011 que é o responsável pela programação da *Objectos Misturados* por onde passaram diversos artistas nacionais e internacionais.

Mariana Rio. Porto, 1986. Habita o seu atelier onde cria ilustrações, mundos imaginários, personagens e narrativas com editoras e instituições em várias posições do planeta. Trabalha em Ilustração há uma década e tanto e tem mais de uma dezena de títulos publicados.

O seu trabalho foi reconhecido nomeadamente como duas vezes vencedora na Illustrators Exhibition Bologna Children's Book Fair, distinção White Ravens, e a Menção Especial no Prémio Nacional de Ilustração. Em 2021 ganhou o Baba Kamo Illustration Award.

Marta Madureira é ilustradora e docente na Escola Superior de Design do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, onde é diretora do Mestrado em Ilustração e Animação. Foi distinguida com alguns prémios relevantes dentro da sua área e conta com cerca de 30 livros ilustrados. É, juntamente com Adélia Carvalho, fundadora da editora Tcharan.

É também investigadora na área da ilustração enquanto colaboradora do ID+ – Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura.

Rui Vitorino Santos nasceu na Batalha em 1971, vive e trabalha no Porto.

É doutorado em Arte e Design pela FBAUP, área de ilustração. É professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Desenvolve em paralelo projectos de curadoria e investigação em Ilustração, e participa regularmente em mostras individuais e colectivas na área da Ilustração.

Como ilustrador tem colaborado com diferentes publicações, projectos editoriais ou outros suportes, destacando-se Revista *Osso*, *Trengo* – Festival de Circo do Porto, Serralves, *Slanted Magazine*, *Two Pages Project*, entre outros. Foi membro fundador da associação e galeria Dama Aflita (2008-2016), no Porto, dedicada à ilustração e desenho.

Sebastião Peixoto nasceu em 1972, em Braga. Licenciou-se em pintura pela Faculdade de Belas-Artes do Porto. Trabalha como ilustrador freelancer, colaborando com várias editoras nacionais e estrangeiras. Publicou trabalhos em vários fanzines, revistas e jornais, e participa regularmente em exposições colectivas de pintura e ilustração em Portugal e no estrangeiro. Em 2014, venceu uma Menção Honrosa no 7º Encontro Internacional de Ilustração de São João da Madeira. Em 2016, foi seleccionado para o Catálogo Ibero-Americano de Ilustração e, em 2017, ganhou um Gold Award, An Illustrated Book of Plants: To sprout, bloom, and fruit, Thesis Award/Seoul Illustration Fair, Seoul. Em 2021, foi distinguido com um Merit Award pela 3x3 Magazine e venceu o Grande Prémio da 3º Bienal de Ilustração de Guimarães. Em 2022 e 2023 foi reconhecido, respectivamente, pela Creative Quarterly e Communication Arts.

Pequeno Dicionário Livre do Alto Minho

Alto Minho, *n. m.* É desta terra que este dicionário trata. Profundamente ligado à origem de Portugal, o Minho foi, durante séculos, visto pelos restantes portugueses e portuguesas como a região mais genuína, mais tradicional e mais fértil do país. O nome Alto Minho não existia, e as pessoas incluíam-no no Entre-Douro-e-Minho; mas o grande historiador e escritor Alexandre Herculano batizou a nossa terra assim, em 1846, por achar que ela se distinguia do resto do Minho. Hoje em dia, é uma sub-região europeia com o mesmo nome, incluída na região Norte, sendo Viana do Castelo a sua cidade principal.

Atlântico, *n. m.* É um dos grandes oceanos do nosso planeta e temos a sorte dele banhar a costa do Alto Minho, o que moldou as pessoas de cá de forma especial, pois elas nunca conseguiram perceber muito bem se pertencem mais ao mar ou mais à terra.

Batela, *n. f.* A batela era uma embarcação de fundo plano usada nos rápidos do rio Minho para transporte de pessoas e coisas. Em tempos antigos, era proibido passar coisas para os lados da Galiza, e da Galiza para cá, sem autorização, mas as pessoas achavam as fronteiras estúpidas e faziam-no na mesma. A essa atividade chamava-se «contrabando». Há quem diga que as batelas eram barquinhos muito frágeis, mas há também quem diga que eram muito resistentes.

Biscoito de milho, *n. m.* O biscoito de milho de Paredes de Coura, feito com o cereal que o próprio nome indica, é uma das iguarias da pastelaria alto-minhota. É muito bom, mas, como todos os doces, não devemos abusar muito dele.

Cervo-Rei, *n. m.* O Cervo-Rei é a personagem principal da lenda mais importante de Vila Nova de Cerveira. Quando estamos na vila, podemos ver uma homenagem à sua figura praticamente de todo o lado, no alto do Monte do Crasto (ver abaixo «lenda»).

Castelo, *n. m.* O Alto Minho é uma terra cheia de castelos antigos. Praticamente todas as terras principais têm um na sua área ou nas proximidades. Os castelos do Alto Minho foram importantíssimos na formação do Reino de Portugal, pois esta era uma terra de fronteira (ver abaixo «fronteira»).

Charutos de ovos, *n. m.* Os charutos de ovos dos Arcos de Valdevez fazem crescer água na boca. Digam aos adultos que é melhor comer charutos de ovos dos Arcos do que fumar charutos.

Coca, *n. f.* A figura da Coca tem vários significados entre Portugal e Espanha e esteve, desde tempos antigos, sempre ligada a figuras de meter medo. Em Monção, a Coca é uma tradição da festa religiosa do Corpo de Deus e do culto a São Jorge. Um cavaleiro representando este santo luta todos os anos contra um belo dragão, empunhando uma lança comprida. É uma das mais antigas e interessantes tradições do Alto Minho.

Coroadá, *n. f.* (de *coroa*). A coroadá é a parte mais alta e forte das fortificações. Em Valença, ela manteve o nome na parte da cidade que fica dentro da praça-forte (ver abaixo «forte»).

Espigueiro, *n. m.* Os espigueiros são estruturas para armazenar e secar as espigas de milho, geralmente ao lado das eiras, que serviam para o malhar (separando os grãos) e também para o secar. São construídos em cima de pilares de granito para evitar que os animais selvagens, como os ratos, comam os cereais. Permitem também a circulação do ar, para que o milho não apodreça (ver também «biscoito de milho» e «milho»).

Flor, *n. f.* É a parte mais bonita das plantas e a parte que as ajuda a nascer e a multiplicar pelos campos e montes. As flores do Alto Minho são tantas que as pessoas tornaram-nas parte da sua própria cultura: podemos vê-las nos trajes coloridos das lavadeiras e mordomas; nas peças de ouro; nos bordados; nas nossas casas, em pinturas e azulejos; nos nossos jardins e nalgumas das nossas mais curiosas tradições. O clima húmido do Alto Minho favorece o seu crescimento, pelo que nós sempre tivemos uma relação especial com elas e o resto do país até nos chamava «O Jardim de Portugal».

Forte, *n. m.* Os fortes e as praças-fortes são estruturas muito grandes, com muralhas fortes (daí o seu nome), que serviam para defender um sítio ou uma terra. Os fortes e as praças-fortes são a evolução dos castelos (ver acima «castelo») depois da chegada à Europa das peças de artilharia como os canhões, que usavam pólvora para disparar balas de pedra ou metal. E embora a guerra seja uma das coisas mais estúpidas da humanidade, temos belos fortes e praças-fortes no Alto Minho, como o Forte da Ínsua, em Caminha, o de Lovelhe, em Cerveira, o de Santiago da Barra, em Viana do Castelo, e a impressionante praça-forte de Valença. Quando vistos do céu, com um *drone*, por exemplo, alguns deles parecem estrelas.

Fronteira, *n. f.* É uma linha imaginária que as pessoas traçam para separar países ou terras. Durante séculos, na Europa, as pessoas levavam esta coisa muito a sério, mas, felizmente, agora já não é bem assim. Por exemplo, ainda hoje sabemos onde acabam e começam Portugal e Espanha, mas já podemos passar para o país vizinho à vontade, atravessando o rio Minho. Antigamente, tal não era possível, pois eram necessárias autorizações.

Gamela, *n. f.* Barco de fundo e proa achatados usado no rio Minho. O nome vem da sua forma ser parecida com uma gamela, que era um recipiente de madeira com vários usos, desde dar de comer aos animais, transportar coisas, ou até mesmo para lavagens.

Gárgula, *n. f.* Figuras de pedra colocadas nos portais e torres das igrejas que se fizeram durante um período ao qual chamamos Idade Média. Elas simbolizavam as guardiãs do espaço sagrado contra o mal

que as pessoas pensavam carregar sempre consigo. Eram, portanto, uma espécie de porteiras. Geralmente, eram também acompanhadas pelos «cachorrões», figurinhas mais pequenas, mas semelhantes, que contornavam as igrejas por baixos telhados. Tinham todos a forma de figuras animais, quase sempre terríveis ou inventadas. Temos belos exemplares no Alto Minho.

Garrano, *n. m.* Cavalos selvagens pequenos e robustos que, hoje em dia, vivem em plena liberdade pelas serras e montes do Alto Minho. Damos de caras com eles muitas vezes nos nossos passeios. Alguns são fugidios, outros já se habituaram a nós. Ver cavalos em liberdade, muitas vezes por entre o gado, é das imagens mais bonitas das paisagens alto-minhotas (ver abaixo «paisagem»).

Gil Eannes, *n. m.* Navio construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, no ano de 1955. Foi batizado em homenagem a um grande navegador português que viveu há mais de seiscentos anos e que conseguiu ultrapassar um obstáculo no mar africano chamado Cabo Bojador. Como os portugueses gostam muito de bacalhau desde, pelo menos, o reinado de D. Dinis, os muitos barcos de pesca que o país tinha, por volta do ano de construção do navio, precisavam de assistência médica, correio, abastecimento de comida e utensílios de pesca e muitos outros serviços. A pesca ao bacalhau era extraordinariamente difícil e a vida dos pescadores muito dura, não só porque exigia muita força e resistência, mas porque era necessário evitar vários perigos, como o mar bravo. Ainda por cima, o bacalhau só gosta de viver em águas geladas, e, aqui no Alto Minho, raramente neva, a não ser lá para cima, no alto das grandes serras como a Peneda. As pessoas de cá não estão, portanto, muito habituadas a esses rigores e frio. Os pescadores também se magoavam muito nas cordas, nas redes, nos anzóis, quando escorregavam no gelo, ou quando, por vezes, caíam à água gelada, etc. Além disso, qualquer pessoa adocece, até eu e vocês. O *Gil Eannes* era, assim, um grande hospital flutuante e muito necessário. Por todas estas razões, era muito querido dos pescadores e estes chamavam-lhe o «Anjo Branco» ou a «Misericórdia do Mar» sempre que o viam aparecer no horizonte.

Igreja matriz, *n. f.* Todas as vilas, aldeias e cidades do Alto Minho têm uma. Geralmente, é a igreja principal ou a primitiva, isto é, a primeira ou mais antiga; mas nem sempre é a igreja maior em tamanho. O seu interior é, na maior parte delas, cheio de altares antigos cobertos a folha de ouro ou de belas peças de arte e impressionante construção. São parte inevitável da nossa paisagem (ver abaixo «paisagem»).

Ínsua, *n. f.* Ilha no meio de um rio ou de uma foz. No Alto Minho, entre Moledo e Caminha, temos uma das mais curiosas do mundo, pois não só ela tem um monumento incrível na forma de uma fortificação (ver acima «forte»), como, ainda por cima, tem um poço de água doce no meio do mar!

Lampreia, *n. f.* A lampreia costuma aparecer no fim do inverno nos nossos rios e os alto-minhotos consideram-na uma iguaria à mesa. A lampreia é um ciclóstomo; isto é, tem a boca circular e não tem mandíbulas. Os pescadores dizem que ela é muito rara, por isso é um prato muito caro. Todas as vilas às quais as lampreias chegam dizem que as suas são as melhores, por isso toda a gente tem uma opinião diferente. No entanto, deixo-vos aqui a informação de que nem todos os povos europeus acham que a lampreia seja um peixe que se deva comer e acham até nojento que nós o façamos. Cada um e cada uma, no entanto, come o que quer e acha bom — e ninguém tem nada a ver com isso!

Lenda, *n. f.* História ou tradição transmitida por via da fala ou da escrita com origens muito duvidosas ou fantasiosas. No Alto Minho temos muitas. São histórias ricas, por vezes incríveis e que apetece estar sempre a contar, sobretudo aos mais pequenos, pois estas ajudam-nos a entender certos aspetos das nossas terras.

Lobo, *n. m.* O lobo que habita o Alto Minho é o lobo-ibérico e pertence a uma espécie que está em vias de desaparecer. O lobo evita há milénios os seres humanos, mas a ocupação das terras pelas nossas construções e atividades leva a que o lobo não tenha alternativas na procura de alimentos e, por vezes, no desespero, ataca o gado. As pessoas continuam a maltratar os lobos por causa disto, mas esquecem-se que eles são fundamentais para manter os equilíbrios que a biodiversidade exige. Terras ricas em lobos são terras ricas em tudo o resto. Além disso, estes animais são extraordinariamente inteligentes, e as alcateias organizam-se de uma forma tão complexa que nenhum outro mamífero carnívoro consegue fazer igual. Atualmente, existem apenas cerca de trinta a quarenta lobos em todo o Alto Minho. Devemos protegê-los a todo o custo.

Lugre, *n. m.* (do inglês *lugger*). Barco alongado de três mastros que ia pescar para muito longe, geralmente bacalhau. A vida dos pescadores era muito difícil nestas embarcações (ver acima «Gil Eannes»). Foram construídos vários lugres em Viana do Castelo, nas margens do rio Lima, muito antes de haver sequer Estaleiros Navais na cidade.

Melro-d'água, *n. m.* Ter a oportunidade de ver este pássaro raro é uma das mais espantosas experiências que se pode ter no Alto Minho. É pequeno, robusto, com o corpo redondo e cauda curta. Tem a maior parte das penas castanhas-escuras e muito escuras nas costas e uma grande mancha branca no peito. Costuma fazer uma curiosa dança nas rochas antes de mergulhar nos rios para capturar as suas presas. O seu nome científico é *Cinclus cinclus* e pode ser observado, por exemplo, nas margens do rio Vez, pois só gosta das águas mais puras e corredias. É, por isso mesmo, um símbolo da proteção da biodiversidade nos Arcos.

Merlão, *n. m.* Quando olhamos para o topo das muralhas de um castelo, os merlões são as pedras que fazem os intervalos das ameias. Ora, as pessoas confundiram estas duas palavras durante séculos e, quando chegaram a uma conclusão, chamaram ao espaço livre «ameia» e às pedras depois desses espaços «merlão». Não confundir com «melão», que é um fruto apetitoso e sumarento que cresce muito por cá.

Milho, *n. m.* Este cereal veio das Américas há mais de quinhentos anos. Quando chegou ao Minho, provocou uma revolução total na forma como as pessoas viviam, pois o pão feito de milho trouxe mais riqueza e abundância. A cultura alto-minhota passou então a estar totalmente ligada ao cultivo do milho até à introdução das máquinas e da vida moderna. No entanto, ainda hoje o Alto Minho produz bastante milho e é impossível deixar de o ver por cá pelos finais da primavera até finais do verão (ver também acima «espigueiro» e «biscoito de milho»).

Murmulho, *n. m.* Chamamos murmulho ao som que fazem as folhas e os ramos das árvores quando passa o vento. Também podemos dizer o mesmo do som das ondas a bater na areia das nossas praias. Para mim, o sossego e beleza que esta palavra traz à nossa língua, e a lembrança que me faz chegar das nossas paisagens, torna-a na palavra perfeita para o Alto Minho. É por esta razão que não podia deixar de a partilhar convosco.

Museu, *n. m.* Lugar especial que coleciona e preserva objetos, memórias, ideias, histórias, tradições e praticamente tudo o que a humanidade faz e pensa. Estão abertos e ao serviço de todos e de todas. No Alto Minho, temos alguns bastante especiais, e espero que vocês, um dia, os possam conhecer a todos, pois os museus são dos sítios mais fantásticos para aprender, experimentar e ter novas ideias.

Paisagem, *n. f.* Pode parecer-vos estranho, mas a paisagem é apenas uma ideia e é aquilo que fazemos com ela. Antigamente, as pessoas ligavam pouco a esta ideia das paisagens, exceto os artistas, que sempre olharam o mundo de maneira diferente. Mas mesmo esses, só há cerca de seiscentos anos o começaram a fazer com a devida atenção. Cada cultura vê a paisagem de maneira diferente, e até cada um e cada uma de nós tem as suas paisagens favoritas. Como sabem, hoje em dia e no futuro próximo, faz e fará parte das nossas maiores responsabilidades cuidarmos delas todas. Algumas paisagens no Alto Minho são de ficar de boca aberta e estão entre as melhores que Portugal tem para oferecer. Temos essa sorte.

Pai Velho, *n. m.* Tradição muito antiga e complexa dos lugares de Castelo e Parada de Lindoso, onde, durante o Entrudo, celebrando o fim dos rigores do inverno, sobressai uma figura de madeira e palha. Toda a comunidade da aldeia envolve-se nestas festividades, tornando-as numa das mais interessantes do Alto Minho.

Ponte, *n. f.* É muito difícil contar o número de pontes que existe no Alto Minho. Algumas vêm do tempo dos romanos e têm, por isso, cerca de dois mil anos; outras foram construídas pelos primeiros reis ou senhores de Portugal; outras ainda pelas próprias populações por necessidade de atravessamento; outras por grandes nomes da engenharia mundial. As pontes de granito, que é a nossa rocha por excelência, cruzando os inúmeros rios e ribeiros que por cá correm, são das imagens mais fortes da nossa paisagem, porque representam não só a riqueza produzida pela terra, que permitia a sua construção, mas também a força e abundância das nossas águas (ver também «paisagem» e «rio»). Alguns exemplos incríveis são a ponte romana e do rei D. Pedro I sobre o rio Lima, em Ponte; a de Vilar de Mouros sobre o rio Coura; a de São Gregório, que passa de Melgaço para a Galiza; ou então as metálicas, como a de Viana do Castelo, desenhada no ateliê do Sr. Eiffel, que imaginou a célebre torre em Paris, ou a que atravessa o rio Minho e uniu para sempre Valença à cidade galega de Tui.

Praia, *n. f.* A praia é uma extensão de areia que se forma com a força que o mar, o vento e o gelo fazem sobre as rochas do fundo do mar, partindo-as em pedacinhos tão pequenos que mal os conseguimos ver a olho nu. No Alto Minho, temos algumas incríveis: umas pelas vistas fantásticas, como a de Moledo; outras pela sua segurança, como a de Vila Praia de Âncora; outras especializadas em desportos de mar, como a do Cabedelo, em Viana do Castelo. Mas há muitas mais. As praias são o sítio onde a terra encontra o mar, por isso são o melhor parque para brincar, com direito, ainda por cima, à maior piscina que podes imaginar (ver acima «Atlântico»).

Rio, *n. m.* Os três grandes rios do Alto Minho são o rio Minho, o rio Lima e o rio Neiva. No entanto, temos outros rios fantásticos e selvagens como o Vez, o Coura ou o Âncora. Pela sua importância, alguns deram origens a lendas (ver acima «lenda»), mas o melhor que podemos fazer é passear nas suas margens, pois eles carregam não só a água, mas toda a vida que nos rodeia. São como as veias do corpo que é a nossa região (ver também acima «ponte»).

Sol, *n. m.* O sol é esquivo no Alto Minho. Isto é, de todas as terras de Portugal, é no Minho que ele menos gosta de aparecer. Não nos devemos entristecer muito com isso, porque é também por causa dessa vergonha do sol que o Alto Minho se distingue de todas as outras terras do país, e também porque foi o sol que inspirou o Padre Himalaya, um dos maiores cientistas da história da nossa região.

Título

Dicionário livre e delirante feito
a partir de uma colheita de palavras
nas terras do Alto Minho
(vertidas em histórias ilustradas contadas às pessoas
pequenas e grandes em tamanho ou tempo de vida)

Textos: Raul Pereira

Ilustrações de: Ana Biscaia, Catarina Gomes,
Emílio Remelhe, Eva Evita, Helder Dias, Luís Mendonça,
Mariana Rio, Marta Madureira, Rui Vitorino Santos
e Sebastião Peixoto

Direção Artística: Tiago Manuel

Coordenação Editorial: Rui Bandeira Ramos

Revisão de texto: Filipa Araújo

Design gráfico: Rui Carvalho Design

Edição: MOTOR – Produção Cultural,
Cooperativa de Responsabilidade Limitada, C.R.L.
para CIM Alto Minho - Comunidade
Intermunicipal do Alto Minho

Projeto realizado em colaboração com os alunos:

- turma 4ºE, da Escola Básica Dr. Manuel
da Costa Brandão – Sabadim, Arcos de Valdevez.
Professor Nuno Marques;
- turma C4, da Escola Básica de Caminha.
Professor Pedro Ribeiro.
- turma 4ºB, do Centro Escolar da Vila, Melgaço.
Professor Fernando Domingues;
- turma 4º A, da Escola Básica Vale do Mouro, Tangil,
Monção. Professora Marlene Lobato Pires;
- turmas 4º A, B e C, da Escola Básica de Paredes
de Coura. Professores Jacinta Rodrigues,
Sérgio Sousa e António Rui Lopes.
- turma 4º C, da Escola Básica Diogo Bernardes,
Ponte da Barca. Professora Adelaide Leite.
- turma VP3, da Escola Básica de Vitorino de Piães,
Ponte de Lima. Professora Maria Ester Pereira.
- turma 4º I, da Escola Básica de Valença.
Professora Ana Isabel Correia Martins.
- turma 4º ano, da Escola Básica do Cabedelo,
Viana do Castelo. Professor José Moreno.
- turmas 4º A e B CEN, do Centro Escolar Norte –
Campos, Vila Nova de Cerveira.
Professoras Carla Pereira e Ana Beatriz Costa.

Edição financiada por: Norte 2020

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-53437-1-3

Textos de Raul Pereira

e ilustrações de
Ana Biscaia,
Catarina Gomes,
Emílio Remelhe,
Eva Evita,
Helder Dias,
Luís Mendonça,
Mariana Rio,
Marta Madureira,
Rui Vitorino Santos
e **Sebastião Peixoto.**

ISBN 978-989-53437-1-3



9 789895 343713



cim alto minho
comunidade intermunicipal do alto minho



NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu